Mukunda, inspirado pela evidência sacrossanta, regressa inesperadamente aos braços do seu amado mestre.

De coração amordaçado pela dor da ausência, subitamente, os olhos aregalam-se, os lábios, contidos pela prudência do silêncio, soltam-se sem freio e Yukteswar oferece-nos um hino de amor divinal. Que dimensão na simplicidade da breve exclamação de assombro e exultação! De quem espera, à porta, dirigindo-se a cada um de nós, Mukundas:

“Mukunda! Tu vieste!?”.

Capítulo 12

Os anos no eremitério do meu Mestre

“Mukunda! Tu vieste!? - Sri Yukteswar cumprimentou-me da pele de tigre, onde se encontrava sentado, no chão de uma sala de estar que se abria em sacada. A sua voz era fria, o seu comportamento sem emoção.

− Sim, querido Mestre, aqui estou para o seguir! – Ajoelhando-me, toquei-lhe nos pés.

“Seguir-me!? Como?! Tu não tomas conhecimento dos meus desejos!

- Não doravante, guruji! O seu desejo será a minha lei!

“Assim é melhor! Posso agora, finalmente, assumir a responsabilidade pela tua vida!

− De boa vontade lhe transfiro esse peso, Mestre!

“O meu primeiro pedido, então, é que voltes para o teu lar! Para a tua família! Quero que ingresses na faculdade em Calcutá! A tua instrução escolar deverá continuar!

- Muito bem, senhor! - Escondi a minha consternação**.** Livros inoportunos continuariam a perseguir-me durante anos?! Primeiro o papá, agora Sri Yukteswar!?

“Algum dia, irás para o Ocidente! O seu povo será mais receptivo à antiga sabedoria da Índia, se o desconhecido instrutor hindu tiver um grau universitário.

- O senhor sabe o que é melhor, guruji! – A minha tristeza evaporou-se. A referência ao Ocidente pareceu-me enigmática e remota; mas a oportunidade de agradar ao meu Mestre pela obediência era imediata e vital.

“Estarás perto, em Calcutá! Virás cá, sempre que achares tempo!

− Todos os dias, se possível, Mestre! Aceito, agradecido, a sua autoridade em todos os detalhes da minha vida, porém, com uma condição!

“Qual?!

− Quero a sua promessa de que me revelará Deus!

Seguiu-se uma hora de serena discussão. A palavra de um Mestre não pode ser falsificada; não é dada levianamente. As implicações à garantia que eu suplicava abriam vastas perspectivas metafísicas. Um guru deve encontrar-se realmente em termos íntimos com o Criador antes de poder obrigá-Lo a aparecer! Percebi a unidade de Sri Yukteswar com Deus e estava resolvido, como discípulo seu, a aproveitar a minha vantagem.

“Tens a disposição exacta! - Então, o consentimento do Mestre compassivo soou afinal:

“Seja o teu desejo, o meu desejo!

Uma sombra que perdurara a vida inteira sumiu do meu coração. A vaga procura, de cá para lá e de lá para cá, tinha chegado ao fim. Eu encontrara abrigo eterno num verdadeiro guru.

“Vem! Vou mostrar-te o eremitério! - O Mestre levantou-se do seu tapete de pele de tigre. Entretanto, olhando em redor, notei, numa parede, um retrato enfeitado com um raminho de jasmim.

- Lahiri Mahasaya! - disse eu, atónito!

“Sim! O meu divino guru! - O tom de voz de Sri Yukteswar vibrava de reverência. - Ele foi, como homem e como iogue, maior do que qualquer outro mestre cuja vida entrou no meu campo de investigação!

Silenciosamente, curvei-me ante o retrato familiar. As homenagens da minha alma alçaram-se, velozes, para o Mestre incomparável que, abençoando a minha infância, tinha guiado os meus passos até àquele instante.

Conduzido pelo meu guru, caminhei pela casa e pelos seus arredores. Grande, antigo e bem construído, o eremitério era circundado por um pátio e este por um muro de pilares maciços. As paredes externas estavam cobertas de musgo; pombas adejavam sobre o telhado horizontal e cinzento, compartilhando, sem cerimônias, do **ashram**. Atrás, um horto aprazível apresentava árvores frutíferas, entre as quais mangueiras**;** e também havia bananeiras.

Os quartos superiores tinham balcões com balaustrada e abriam-se para o pátio em três das faces do edifício que possuía piso térreo e superior. Um espaçoso salão térreo de tecto alto**,** sustentado por colunas, era usado, informou-me o Mestre, principalmente durante as festividades anuais de **Durgapuja**[1]. Uma escada estreita levava à sala de estar de Sri Yukteswar, cuja pequena sacada abria para a rua. O **ashram** estava mobiliado com o necessário; tudo era simples, limpo e útil; viam-se diversas cadeiras, bancos e mesas em estilo ocidental.

O Mestre convidou-me para passar a noite ali. Um jantar de legumes, temperado com caril, foi-nos servido por dois jovens discípulos que recebiam formação espiritual.

– Guruji conte-me, por obséquio, algo da sua vida! - Eu cruzara as pernas numa esteira de palha junto à sua pele de tigre. As estrelas amistosas pareciam muito próximas, um pouco além da sacada.

“O meu nome de família era Pryia Nath Karada. Nasci,[2] aqui, em Serampore, onde o meu pai fora um próspero homem de negócios. Legou-me esta mansão ancestral, actualmente o meu eremitério. Os meus estudos escolares formais foram curtos; achei-os lentos e superficiais. Na juventude, assumi as responsabilidades de chefe de família e tive uma filha, agora casada. Na maturidade, fui abençoado pela orientação de Lahiri Mahasaya. Após a morte da minha esposa, ingressei na Ordem dos Swamis

---

[1] “Culto a Durga”. Este é o mais importante festival do ano em Bengala e dura nove dias, nos fins de Setembro. Imediatamente a seguir, celebra-se, durante dez dias, o festival de **Dashahara** (“Aquele que remove os dez pecados”- três do corpo, três da mente e quatro da linguagem). Estes dois cultos ou **pujas** são consagrados a Durga, literalmente “A Inacessível”, um aspecto da Mãe Divina, **Shakti**, personificação da força criadora feminina.

[2] Sri Yukteswar nasceu em 10 de Maio de 1855.

e recebi o novo nome de Sri Yukteswar Giri[3]. Tais são os meus simples dados biográficos.

O Mestre sorriu da ansiedade que via em meu rosto. Como todos os esboços biográficos, as suas palavras deram os factos exteriores, sem revelar o homem interno.

- Guruji, eu gostaria de ouvir algumas histórias da sua meninice!

“Algumas contar-te-ei: cada uma com a sua moralidade**...** - Os olhos de Sri Yukteswar cintilavam em advertência. – A minha mãe, certa vez, tentou assustar-me com uma medonha história de um fantasma num quarto escuro. Fui lá, imediatamente, e exprimi o meu desapontamento por não o haver encontrado. A mamã nunca mais voltou a contar-me histórias de horror. Moralidade: Encare o medo de frente e ele deixará de perturbá-lo.

“Outra lembrança infantil evoca o meu desejo de possuir um cão feio que pertencia a um vizinho. Mantive todos em casa num torvelinho, durante semanas, para obter aquele bicho. Os meus ouvidos ficaram surdos às ofertas de outros animaizinhos de aparência mais agradável. Moralidade: O apego cega; empresta um halo imaginário de atracção ao objecto desejado.

“Uma terceira história refere-se à plasticidade da mente jovem. Certa vez, ouvi a mamã comentar: 'Um homem, que aceita trabalho sob as ordens de alguém, é um escravo.' Esta impressão gravou-se-me tão indelevelmente que, mesmo após o meu casamento, recusei todas as posições. Enfrentei os gastos investindo a herança da minha família em terras. Moralidade: Boas e positivas sugestões deveriam instruir os ouvidos sensitivos das crianças. As suas primeiras ideias perduram como gravuras a água-forte.”

O Mestre entregou-se a uma silenciosa imobilidade. Por volta da meia-noite, conduziu-me a uma estreita cama de lona. O sono foi profundo e doce naquela primeira noite sob o tecto do meu guru.

Sri Yukteswar escolheu a manhã seguinte para conceder-me a sua iniciação em **Kriya Yoga**. Anteriormente, eu recebera a mesma técnica de dois discípulos de Lahiri Mahasaya: o papá e o meu instrutor particular de sânscrito, Swami Kebalananda. O Mestre, porém, possuía um poder transformador: ao seu toque, uma grande luz abriu caminho em meu ser, como a glória de incontáveis sóis fulgindo juntos. Um dilúvio de beatitude inefável inundou-me o coração até às suas mais íntimas profundezas.

Avançara muito a tarde do dia seguinte quando consegui resolver-me a deixar o eremitério.

Ao atravessar a porta do meu lar em Calcutá, realizava-se a profecia do meu Mestre: “Tu voltarás dentro de trinta dias!” Nenhum dos meus parentes fez comentários ferinos. Eu temera alusões ao reaparecimento do “pássaro planando em alturas sublimes”.

---

[3] **Yukteswar** significa “unido a **Ishwara**” (um nome de Deus). **Giri** é a classificação diferenciadora de um dos dez ramos da antiga Ordem dos Swamis. Sri, para homens e mulheres, significa “sagrado”; não é um nome, mas um título de respeito.

Subi ao meu quartinho no sótão e prodigalizei-lhe olhares afectuosos, como a um ser vivente: - Tu és a testemunha das meditações, lágrimas e tempestades dos meus **sadhana**. Agora atingi o porto do meu divino Mestre.

- Filho, estou contente por nós os dois! – O papá e eu sentamo-nos juntos na quietude da noite. – Tu achaste o teu guru, da mesma miraculosa forma em que, no passado, achei o meu! A sagrada mãe de Lahiri Mahasaya protege as nossas vidas. O teu mestre demonstrou ser, não um santo inacessível dos Himalaias, mas um homem divino e próximo. As minhas preces tiveram resposta: na tua busca de Deus, não foste permanentemente afastado da minha vista.

O papá também estava contente pelos meus estudos formais serem reiniciados; tomou as providências necessárias. Fui matriculado, no dia seguinte, na vizinha Faculdade da Igreja Escocesa em Calcutá.

Felizes meses transcorreram. Os meus leitores, sem dúvida, chegarão à suposição perspicaz de que fui pouco assíduo aos cursos universitários: o eremitério de Serampore era de um fascínio demasiado irresistível! O Mestre aceitou a minha constante presença sem comentários… Para meu alívio, poucas vezes se referia às salas de aula. Embora fosse claro para todos que eu não estava talhado para erudito, arranjava-me, de tempos em tempos, para obter as notas mínimas de aprovação.

A vida quotidiana do **ashram** fluía suavemente, com variações ocasionais. O meu guru despertava antes da madrugada. Deitado ou, às vezes, sentado no leito, ele entrava em estado de **samadhi**[4]. Era muito simples descobrir quando o Mestre havia acordado: suspensão brusca de estupendos roncos[5]. Um ou dois suspiros; talvez um movimento do corpo. Em seguida, um estado insonoro de ausência de respiração: ele submergira na profunda bem-aventurança do iogue!

Nenhuma refeição de manhã; primeiramente, vinha um longo passeio pelas margens do Ganges. Aquelas caminhadas matutinas com o meu guru - como são reais e vívidas ainda! Na fácil ressurreição da memória, frequentemente me encontro ao seu lado! O sol matinal aquece o rio! A voz do meu guru vibra, na sua riqueza de autêntica sabedoria!

Um banho e depois a refeição do meio-dia. O seu preparo, de acordo com as instruções diárias do meu Mestre, constituía tarefa cuidadosa dos jovens discípulos. O meu guru era vegetariano. Antes de abraçar a vida monástica, entretanto, alimentara-se de ovos e peixe. Aconselhava os estudantes a seguirem qualquer dieta simples que provasse ser adequada à constituição de cada um.

O Mestre comia pouco; geralmente arroz colorido com açafrão, acompanhado de suco de acelga ou de espinafre e levemente polvilhado de **ghee** de búfala (manteiga derretida). No dia seguinte, podia ordenar **dhal** de lentilhas ou caril de **channa**[6] com

---

4 Literalmente, "dirigir juntos". Samadhi é um estado superconsciente beatífico, no qual o iogue experimenta a identificação da alma individualizada com o Espírito Cósmico.
5 Roncar, segundo os fisiologistas, é indício de um relaxamento perfeito.
6 *Dhal* é uma sopa espessa, feita de ervilhas ou outros grãos leguminosos moídos. *Channa* é um queijo de leite fresco coalhado; comummente é dividido em cubinhos e misturado ao molho de caril com batatas.

vegetais. Para sobremesa, mangas ou laranjas com pudim de arroz ou, então, sumo de fruta.

Os visitantes apareciam à tarde. Do mundo para o tranquilo eremitério, filtrava-se uma corrente contínua. O meu guru tratava todos os hóspedes com bondade e cortesia. Um mestre - aquele que se conhece a si mesmo como alma omnipresente, e não como ego ou corpo - percebe, em todos os homens, uma similitude espantosa.

A imparcialidade dos santos tem a sua raiz na sabedoria. Eles já não se deixam influenciar pelas faces alternativas de **maya**, nem estão sujeitos às preferências e aversões que confundem o julgamento dos homens não-iluminados. Sri Yukteswar não mostrava consideração especial pelos poderosos, ricos ou bem-sucedidos, nem desprezava outros por sua pobreza ou incultura. Prestaria atenção respeitosa às palavras de verdade oriundas de uma criança e, em outra ocasião, demonstraria abertamente não tomar conhecimento de um conceituado erudito em Santas Escrituras.

Às oito da noite era o jantar e, às vezes, chegavam visitantes tardios. O meu guru não pedia licença para ir comer sozinho; porém, ninguém deixava o **ashram** com fome ou insatisfeito. Sri Yukteswar nunca se via perdido com a inesperada aparição de visitantes; segundo as instruções ricas de expediente que dava aos discípulos, de escasso alimento podia emergir um banquete. Apesar disso, era económico; o seu modesto capital ia longe.

"Fique nos limites da tua carteira", dizia ele frequentemente, "a prodigalidade trar-te-á dissabores." Fosse em detalhes de atendimento às visitas ou em trabalhos de construção e conserto do eremitério, ou ainda em outros assuntos práticos, o Mestre manifestava a originalidade do seu espírito criador.

As quietas horas da noite traziam, amiúde, dissertações do meu guru: tesouros que desafiam o tempo. Cada uma das suas palavras era cinzelada pela sabedoria. Sublime autoconfiança assinalava o seu estilo expressivo, que era único. Sempre falou como ninguém, segundo a minha experiência, jamais o fez. Os seus pensamentos pareciam pesados na delicada balança do discernimento, antes de permitir-lhes o traje exterior da linguagem. A essência da verdade, que o impregnava todo, a ponto mesmo de assumir função fisiológica, brotava dele como exsudação perfumada da sua alma! Eu tinha invariavelmente consciência de achar-me em presença de uma manifestação palpitante de Deus, O peso da sua divindade fazia-me automaticamente inclinar a cabeça diante dele.

Se os hóspedes percebessem que Sri Yukteswar se embebia estaticamente do Infinito, ele, rapidamente, reatava a conversação. Era incapaz de ostentar uma pose ou de pavonear-se da sua interiorizarão sublime. Sempre unificado com Deus, não precisava de reservar um tempo especial para essa comunhão. **Um mestre com experiência da Divindade já deixou para trás os degraus da meditação**. "A flor tomba quando o fruto aparece." Mas os santos, frequentemente, aderem às praxes espirituais, com o fito de propor um exemplo para os discípulos,

Ao aproximar-se a meia-noite, o meu guru caía em sonolência com a naturalidade de uma criança. Nenhum espalhafato quanto a colchões e roupa de cama. Costumava

deitar-se, mesmo sem travesseiros, num divã estreito que servia de espaldar para o seu habitual assento de couro de tigre.

Uma discussão filosófica de toda uma noite não era rara; qualquer discípulo podia provocá-la pela intensidade de seu interesse. Eu não sentia, então, qualquer cansaço, nem desejo de dormir; de meu Mestre, bastavam-me as palavras cheias de vida.

“Oh! É madrugada! Vamos caminhar ao longo do Ganges!” “Assim terminavam muitos dos meus períodos de edificação nocturna.

Os meus primeiros meses na companhia de Sri Yukteswar culminaram com uma lição útil: “Como enganar um mosquito”. Em casa, a minha família sempre usou mosquiteiros à noite. Aterrorizei-me ao descobrir que se violava este prudente costume no eremitério de Serampore. Os mosquitos tinham ali uma residência perfeita; fui picado da cabeça aos pés. O meu guru apiedou-se de mim.

“Compra um mosquiteiro para ti e outro para mim! - Riu-se e acrescentou: - Se comprares apenas o teu, todos os mosquitos concentrar-se-ão em mim!

Fiquei mais do que agradecido em comprazê-lo. Todas as noites que eu passava em Serampore, pedia-me para instalar as redes antes de dormir.

Certa noite, quando uma nuvem de mosquitos nos sitiava, o Mestre não deu as instruções usuais. Eu ouvia nervosamente o zumbir de antegozo dos insectos. Entrando na cama, lancei uma prece conjuratória em direção a todos eles. Meia hora depois, tossi propositalmente para atrair a sua atenção. Pensei que ia enlouquecer com as picadas e especialmente com as revoadas cantantes, enquanto os mosquitos celebravam os seus ritos, sedentos de sangue.

Nenhum movimento do Mestre em resposta! Aproximei-me dele cautelosamente. Não respirava! Esta foi a primeira vez que o observei de perto em transe iogue; o que me encheu de terror!

- O seu coração deve ter parado! - Coloquei um espelho sob o seu nariz; nenhum vapor de respiração apareceu. Para certificar-me pela segunda vez, fechei durante alguns minutos a sua boca e narinas com os meus dedos. O seu corpo estava frio e imóvel. Confusamente, corri para a porta a fim de gritar por socorro!

“Então?! Um aprendiz de pesquisador?! Meu pobre nariz! - A voz do meu guru estremecia de riso. - Porque não vais para a cama? Irá o mundo inteiro modificar-se para te satisfazer? Modifica-te a ti mesmo: livra-te da consciência de que os mosquitos existem!

Humildemente, retornei à minha cama. Nenhum insecto se aventurou a chegar perto! Compreendi que o meu guru admitira previamente os cortinados apenas para agradar-me. Nenhum medo ele tivera aos mosquitos. Recorrendo aos seus poderes de iogue, podia impedi-los de picá-lo; ou, se o preferisse, poderia escapar para uma invulnerabilidade interior.

“Ele estava a proporcionar-me uma demonstração”, pensei. “Aquele é o estado de ioga que me devo esforçar por atingir”.

Um verdadeiro iogue é capaz de entrar no estado de superconsciência e de mantê-lo, independentemente das múltiplas distrações nunca ausentes desta Terra: o zumbido dos insectos! O penetrante brilho da luz do dia! No primeiro estado de **samadhi** (**savikalpa**), o devoto fecha-se a todo testemunho sensorial do mundo exterior. É recompensado, então, por sons e cenas de reinos internos mais belos do que o prístino Éden[7].

Os instrutivos mosquitos serviram para outra lição nos meus primeiros tempos no **ashram**. Era a suave hora do crepúsculo. O meu guru interpretava, de forma incomparável, os textos antigos. Aos seus pés, eu experimentava perfeita paz. Um mosquito descortês penetrou no idílio e desviou a minha atenção. Ao injectar a sua venenosa "agulha hipodérmica" numa das minhas coxas, automaticamente levantei a mão vingadora. Mas suspendi a execução da sentença de morte! Viera-me a oportuna lembrança de um aforismo de Patanjali sobre **ahimsa** (inofensividade)[8].

"Porque não terminas a tarefa?

- Mestre! O senhor defende o eliminar da vida?

"Não! Mas na tua mente, já desfechaste o golpe mortal

- Não compreendo?!

"Por **ahimsa**, Patanjali quis significar a remoção do **desejo** de matar - Sri Yukteswar havia lido os meus processos mentais como num livro aberto! - Este mundo está inconvenientemente organizado para a prática literal de **ahimsa**. O homem pode ser compelido a eliminar criaturas nocivas. Não se encontra, porém, sob compulsão idêntica para sentir raiva ou hostilidade. Todas as formas de vida têm igual direito ao ar de **maya**. O santo que desvenda o segredo da criação estará em harmonia com as inúmeras e desconcertantes expressões da natureza. Todos os homens poderão compreender esta verdade ao vencerem a paixão de destruir.

- Guruji, deveria o homem oferecer-se em sacrifício, em vez de matar um animal selvagem?

"Não! O corpo do homem é precioso! Tem o mais alto valor evolutivo em virtude de possuir centros na espinha e um cérebro que são únicos; estes permitem ao devoto adiantado abarcar e expressar plenamente os mais excelsos aspectos da divindade. Nenhum organismo inferior está assim equipado. É verdade que o homem incorre em dívida, por um pecado menor, se for forçado a matar um animal ou qualquer outro ser vivo. Mas os **shastras** sagrados ensinam que a destruição intencional de um corpo humano é transgressão séria contra a lei cármica.

Suspirei de alívio; o reforço, pelas Escrituras, do instinto de sobrevivência nem sempre está à mão.

---

7 Os poderes omnipresentes de um iogue, pelos quais vê, saboreia, cheira, toca e escuta sem o uso dos órgãos sensoriais exteriores, foram descritos da seguinte maneira no **Taitiriya Aranyaka**: "0 cego furou a pérola; o sem dedos atravessou-a com um fio; o sem pescoço usou-a; e o sem língua fez-lhe o louvor".

8 "Nenhuma criatura, seja ela qual for, manifesta hostilidade em presença de um homem aperfeiçoado em **ahimsa** (não-violência). **Yoga Sutras**, 2:35

Tanto quanto sei, o meu guru nunca esteve em confronto directo com um leopardo ou um tigre. Mas uma cobra mortífera, certa vez, enfrentou-o, apenas para ser conquistada pelo seu amor. O encontro teve lugar em Puri, onde o meu mestre possuía um eremitério à beira-mar. Isto deu-se na velhice de Sri Yukteswar, quando o jovenzinho Prafulla, seu discípulo, o acompanhava.

- Estávamos sentados ao ar livre próximo do **ashram** - contou-me Prafulla.

Uma cobra apareceu nas proximidades; representava mais de um metro de comprimento de puro terror. Estendia a cabeça raivosamente para a frente, enquanto rastejava em nossa direção. O Mestre recebeu-a amavelmente, com um som onomatopaico de chamado, como se ela fosse uma criancinha. Enchi-me de consternação ao ver Sri Yukteswar iniciar um rítmico bater de palmas[9]. Estava a entreter o pavoroso visitante! Permaneci em quietude completa, internamente balbuciando preces fervorosas. A serpente, muito próxima do Mestre, achava-se agora imóvel, aparentemente magnetizada pela sua atitude cariciosa. A temível cabeça contraiu-se gradualmente; a víbora deslizou entre os pés de Sri Yukteswar e desapareceu nos arbustos. Porque o Mestre movia as mãos e porque a serpente não se atirou contra elas, era-me, no momento, inexplicável. - concluiu Prafulla. - Desde então, compreendi que o nosso divino guru se situava além do medo de ser ferido por qualquer criatura.

Numa tarde, durante os meus primeiros meses no **ashram**, encontrei os olhos de Sri Yukteswar fixos em mim, penetrantemente:

“Estás muito magro, Mukunda!

O seu comentário feriu um ponto sensível; os meus olhos encovados e a minha aparência emaciada não me agradavam. Uma dispepsia crónica afligia-me desde a infância. Muitos fascos de remédios enfileiravam-se numa prateleira do meu quarto em Gurpar Road, número 4; nenhum me curara. Ocasionalmente, perguntava a mim mesmo, entristecido, se valeria a pena continuar a viver com um físico tão pouco sadio.

“Os medicamentos têm as suas limitações**...** a divina força vital criadora não as tem! Acredita! Serás forte e sadio!

As palavras do Mestre convenceram-me, instantaneamente, de que ele poderia aplicar a sua verdade à minha própria vida. Nenhum outro poder terapêutico (e eu experimentara muitos) fora capaz de despertar em mim tão profunda fé.

Dia após dia, eu crescia em saúde e força. Pela oculta bênção de Sri Yukteswar, em duas semanas ganhei o peso que inutilmente havia procurado em tempos pretéritos. Os meus sofrimentos do estômago desapareceram permanentemente.

Em ocasiões posteriores, tive o privilégio de testemunhar, realizadas pelo meu guru, curas divinas de pessoas que sofriam de diabetes, epilepsia, paralisia ou tuberculose.

---

[9] A cobra ataca rapidamente qualquer objecto móvel ao seu alcance. Em muitos casos, a imobilidade completa é a única esperança de salvação. A serpente, muito temida na Índia, causa anualmente cerca de cinco mil mortes.

“Há anos atrás, eu também ansiava por ganhar peso – contou-me ele, algum tempo depois de haver-me curado. - Após grave enfermidade, durante a minha convalescença, visitei Lahiri Mahasaya em Benares.

“Senhor – disse-lhe eu – estive doente e perdi muitos quilos!

- Vejo, Yukteswar[10] (Priya), que se fez mesmo doente e agora acredita que está magro!

“Esta resposta estava longe de ser a que eu esperava! O meu guru, entretanto, acrescentou em tom de encorajamento:

“Estou seguro de que amanhã há-de sentir-se melhor!

“Receptiva, a minha mente aceitou estas palavras como insinuação de que ele estava, secretamente, a curar-me! Na manhã seguinte, procurei-o e exclamei, exultante:

- Senhor, sinto-me hoje muito melhor!

- Certamente! Hoje deu vigor a si mesmo!

“Não, mestre! - Protestei. - O auxílio veio-me do senhor! É a primeira vez em muitas semanas que sinto alguma energia!

“Oh, sim! A sua enfermidade foi bastante séria! O seu corpo ainda está fraco; quem poderá dizer como se encontrará amanhã?

“A ideia de um possível retorno da minha fraqueza trouxe-me um arrepio de medo gélido. Na manhã seguinte, arrastei-me com dificuldade à casa de Lahiri Mahasaya:

- Senhor, estou doente outra vez!

“Divertido era o olhar do meu guru:

- Então, Priya! Novamente se pôs enfermo?!

“A minha paciência esgotou-se, Gurudeva! - Disse-lhe eu. - Percebo agora que, em dias sucessivos, o senhor esteve a ridicularizar-me**...** Não compreendo porque me desacredita quando lhe digo a verdade!

- Na realidade, foram os seus pensamentos que o fizeram sentir-se alternadamente fraco e forte. – O meu guru encarou-me com afecto! – Viu como a sua saúde acompanhou com exactidão as suas expectativas subconscientes. O pensamento é uma força como a eletricidade ou a gravitação. E a mente humana, uma centelha da consciência omnipotente de Deus. Posso mostrar-lhe que acontece imediatamente tudo quando a sua poderosa mente acredita com muita intensidade.

“Sabendo que Lahiri Mahasaya nunca falava em vão, dirigi-me a ele com grande reverência e agradecimento: - Mestre, se penso que estou bom e que reconquistei o meu peso anterior, isso acontece?!

---

[10] Lahiri Mahasaya, na verdade, disse “Priya” (nome de baptismo de meu Mestre) e não “Yukteswar” (nome monástico não adoptado por meu guru durante a vida de Lahiri Mahasaya). “Yukteswar”é usado aqui, e em algumas outras passagens deste livro, para evitar que o leitor se confunda com a atribuição de dois nomes ao mesmo Mestre.

- Perfeitamente e neste mesmo instante! – Expressou-se com gravidade, com o seu olhar fito no meu**.**

“Senti imediatamente um aumento não só de força mas também de peso! Lahiri Mahasaya recolheu-se ao silêncio**.** Depois de algumas horas aos seus pés, voltei à casa da minha mãe, onde eu residia durante as minhas visitas a Benares.

- “Meu filho! O que está a suceder?! Estás a inchar com hidropisia?!

“A mamã mal podia acreditar em seus olhos! O meu corpo apresentava-se musculoso e robusto, como fora antes da minha enfermidade**.**

“Pesei-me e descobri que ganhara, apenas num dia, cerca de vinte e dois quilos! Foi uma aquisição permanente. Amigos e conhecidos, que tinham visto a minha figura delgada, ficaram maravilhados; de entre eles, alguns modificaram o seu modo de vida e tornaram-se discípulos de Lahiri Mahasaya, em consequência do milagre.

“O meu guru, desperto em Deus, sabia que este mundo não é mais que o sonho objectivado do Criador. Tendo plena consciência da sua unidade com o Divino Sonhador, Lahiri Mahasaya podia materializar e desmaterializar ou efectuar qualquer mudança que desejasse nos *átomos de sonho* do mundo dos fenómenos[11].

“A criação inteira é governada por leis - concluiu Sri Yukteswar. - Os princípios que operam no mundo exterior, passíveis de descoberta pelos cientistas, denominam-se leis naturais. Existem, porém, leis mais subtis que regem os planos espirituais ocultos e o reino interno da consciência; estes princípios podem ser conhecidos através da ciência do ioga. Quem compreende a verdadeira natureza da matéria não é o especialista em Física, mas o mestre unificado com Deus. Por meio desse conhecimento, o Cristo foi capaz de restaurar a orelha do servo, depois de ter sido cortada por um dos Seus discípulos[12].”

O meu guru era um intérprete incomparável das Escrituras. Cingem-se aos seus discursos muitas das minhas lembranças mais felizes. Mas as jóias dos seus pensamentos não eram atiradas às cinzas da desatenção ou imbecilidade. Bastaria um movimento inquieto do meu corpo ou uma ligeira distracção para colocar uma pausa na exposição do Mestre.

“Mukunda! Tu não estás aqui! - Numa tarde, Sri Yukteswar interrompeu-se, fazendo-me esta observação. Como era seu hábito, vigiava, implacavelmente, os rumos da minha atenção**…**

– Guruji! – O meu tom era de protesto. – Eu não me movi! As minhas pálpebras nem piscaram; posso repetir cada palavra que o senhor pronunciou!

“Apesar disso, não estavas integralmente comigo! A tua objecção obriga-me a declarar que, nas profundezas da tua mente, tu criavas três instituições**:** Uma era um retiro no

---

[11] “Tudo o que desejardes, orando, crede que o recebereis e havereis de tê-lo” **Marcos**, 11:24. Os Mestres unidos a Deus são inteiramente capazes de transferir as suas realizações divinas a discípulos adiantados, como Lahiri Mahasaya fez a Sri Yukteswar nessa ocasião.

[12] “E um deles feriu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha direita. E respondendo Jesus, disse: “Basta de sofrer”-- E tocou-lhe a orelha e curou-o”. **Lucas**, 22:50-51.

meio dos bosques de uma planície, outra no cimo de um monte e a terceira junto a um oceano!

Aqueles pensamentos, vagamente formulados, haviam-se apresentado, de facto, quase subconscientemente. Olhei-o com ar de desculpa.

- Que posso fazer com um Mestre que assim penetra nas minhas preocupações fortuitas?

“Deste-me o direito! As verdades subtis, que venho expondo, não podem ser compreendidas sem uma concentração integral. A menos que seja necessário, eu não invado o recesso das mentes alheias. O homem tem o privilégio natural de vagar secretamente entre os seus pensamentos. O próprio Senhor, se não for convidado, não entra ali; nem eu me arrisco a ser um intruso!

– O senhor é sempre bem-vindo, Mestre!

“Os teus sonhos arquitecturais materializar-se-ão mais tarde! Agora é tempo de estudar!

Assim, incidentalmente, no seu estilo simples, o meu Mestre revelou conhecer o advento de três importantes acontecimentos na minha vida. Desde o alvorecer da minha juventude, eu tivera vislumbres enigmáticos de três edifícios, cada um em paisagem diferente. Na sequência exacta em que Sri Yukteswar os mencionou, estas visões acabaram por se concretizar. Em primeiro lugar, veio a fundação da minha escola de ioga para meninos numa planície em Ranchi; depois, a sede americana no cimo de um monte em Los Angeles; e, por fim, o retiro de Encinitas, na Califórnia, defronte ao vasto Pacífico,

O Mestre nunca disse com arrogância: “Profetizo que este e aquele acontecimento ocorrerão”. ”Ele preferia insinuar: - “Não pensa que pode acontecer?!” Mas a sua linguagem simples escondia um poder de vaticínio. Não havia retractação: nunca as suas predições, levemente veladas, resultaram falsas!

Sri Yukteswar era reservado e objectivo em seu comportamento. Nada havia nele de vago ou louco visionário. Os seus pés assentavam firmemente no chão, a sua cabeça no porto dos céus! A gente prática despertava a sua admiração! .

“A santidade não é uma tontice! As percepções divinas não são incapacitantes!” - Costumava dizer.- “A virtude, expressa em actividade, promove a mais aguda inteligência!”

O meu guru relutava em discutir os reinos superfísicos. A sua única aura “prodigiosa” era a da simplicidade perfeita**:** Na conversação, evitava fazer referências surpreendentes; na acção, era expressivo e livre. Muitos instrutores falavam de milagres mas não podiam realizar um só. Sri Yukteswar mencionava raramente as leis subtis, mas operava com elas à vontade e em segredo.

“Um homem, de realização divina, não executa um milagre sem receber autorização interna! - Explicava o Mestre. - “Deus não deseja que os segredos da Sua criação

sejam divulgados promiscuamente[13]! Assim, também todo indivíduo no mundo tem o direito inalienável ao seu livre arbítrio. Um santo não usurpará essa independência!

O silêncio habitual de Sri Yukteswar era causado por suas profundas percepções do Infinito. Não lhe sobrava tempo para as inúmeras "revelações" que ocupam os dias dos instrutores sem percepção interna e externa de Deus. Dizem as Escrituras hindus: "Nos homens superficiais, o peixe dos pequeninos pensamentos provoca imenso tumulto. Nas mentes oceânicas, as baleias da inspiração mal encrespam a superfície."

Devido à aparência nada espetacular do meu guia, apenas alguns dos seus contemporâneos reconheceram-no como um super-homem. O provérbio "Quem não pode esconder a sua sabedoria é um imbecil" nunca poderia ser aplicado ao meu Mestre, profundo e quieto.

Embora nascido mortal como todos os outros, Sri Yukteswar alcançou identidade com o Governador do tempo e do espaço. Jamais encontrou obstáculo insuperável à amálgama do humano com o divino! Cheguei a compreender que tais barreiras não existem, salvo para o homem que não empreende a aventura espiritual.

Sempre estremeci de emoção ao tocar nos pés sagrados de Sri Yukteswar. Um discípulo magnetiza-se espiritualmente pelo respeitoso contacto com o mestre; gera-se uma corrente subtil. Os mecanismos de hábitos indesejáveis, no cérebro do devoto, são muitas vezes cauterizados; as cissuras das suas tendências mundanas são beneficamente alteradas. Momentaneamente, pelo menos, ele pode surpreender o levantamento dos véus secretos de **maya** e ter um vislumbre da verdadeira beatitude. O meu corpo inteiro respondia, com um arrebatamento de libertação, sempre que me ajoelhava, no estilo indiano, diante do meu Mestre!

"Até quando Lahiri Mahasaya silenciava - disse-me ele - ou quando conversava sobre tópicos, não rigorosamente religiosos, eu descobria que ele me tinha, não obstante, transmitido um inefável conhecimento**.**

Sri Yukteswar exercia sobre mim uma influência salutar. Se eu entrasse no eremitério com uma disposição mental de indiferença ou de aborrecimento, a minha atitude imperceptivelmente alterava-se. Uma serenidade que era um bálsamo descia sobre mim à simples visão dele. Cada um dos meus dias consigo constituía uma nova experiência de alegria, paz e sabedoria. Nunca o encontrei iludido ou emocionalmente intoxicado por ambição, raiva e apego humano.

"A obscuridade de **maya** aproxima-se silenciosamente! Voltemos depressa ao nosso lar interior! - Com estas prudentes palavras, o Mestre constantemente recordava aos discípulos a necessidade de praticarem **Kriya Yoga**. De vez em quando, um novo estudante expressava dúvidas quanto ao seu próprio mérito para se dedicar à prática de ioga.

"Esquece o passado! - Sri Yukteswar consolá-lo-ia. - As vidas anteriores de todos os homens acham-se obscurecidas por muitas acções vergonhosas! A conduta humana é

---

[13] "Não deis o que é santo aos cães, nem arrojeis as vossas pérolas aos porcos, para que não as calquem aos pés e se voltem e vos despedacem". **Mateus**, 7:6.

sempre falível, enquanto não está ancorada no Divino. Tudo melhorará no futuro, se na actualidade fizeres um esforço espiritual[14].

O Mestre tinha sempre jovens **chelas** (discípulos) em seu **ashram**. A educação intelectual e espiritual destes era do seu interesse permanente. Até mesmo alguns anos antes da sua morte, aceitou, como residentes no eremitério, dois meninos de seis anos e um jovem de dezasseis. Todos os que se achavam sob a sua responsabilidade, ele instruía-os com extremo cuidado. Há uma relação etimológica e prática entre "discípulo" e "disciplina".

Os residentes do **ashram** amavam e reverenciavam o seu guru; um ligeiro bater de palmas bastava para trazê-los, ansiosos, ao seu lado. Quando a sua disposição era reservada e silente, ninguém se atrevia a falar-lhe; quando o seu riso jovial ressoava, os meninos consideravam-no uma outra criança.

Sri Yukteswar raras vezes pedia aos outros que lhe prestassem um serviço pessoal, nem aceitava o auxílio de um discípulo, a menos que lhe fosse oferecido alegremente. O próprio Mestre lavava as suas roupas, se os discípulos se esquecessem dessa tarefa privilegiada.

O seu traje costumeiro era o hábito tradicional dos swamis, de tonalidade ocre. No interior da casa, calçava sapatos sem cordões de amarrar, feitos de couro de tigre ou de veado, de acordo com o uso entre os iogues.

Sri Yukteswar falava fluentemente Inglês, Francês, Berigali e Hiridi; o seu Sânscrito era satisfatório. Instruía com paciência os seus jovens discípulos em certos atalhos que engenhosamente descobrira para abreviar o estudo do Inglês e do Sânscrito.

Não se apegava, solícito, ao seu corpo, mas concedia-lhe prudentes cuidados. "O Divino - salientava ele - manifesta-se adequadamente através de mente e corpo sãos." Desaprovava todos os extremos. Referia-se, rindo, a um discípulo que pretendia jejuar durante longo período: "Porque não se atira um osso ao cão?[15]"

A saúde de Sri Yukteswar era excelente; nunca o vi enfermo[16]! A fim de mostrar o seu respeito por um costume mundano, ele permitia aos seus estudantes, se o quisessem, consultar médicos. Afirmava que "deveriam os médicos proceder à sua missão de curar, aplicando à matéria as leis de Deus". Mas exaltava a superioridade da terapia mental e repetia com frequência: "A sabedoria é o maior depurativo". Aos discípulos, ensinava:

---

[14] "Condenação eterna é impossível. Um homem, de carma extremamente mau, pode mergulhar na ilusão durante muitas encarnações, mas não para sempre, porque é parte eterna de Deus. Para uma alma é impossível tornar-se eternamente má, por ser eternamente boa. Estudantes da Bíblia cometem injustiça aos seus ensinamentos quando acreditam que uma alma possa ser condenada, permanentemente, ao inferno. Um juiz terreno atribui uma sentença condenatória a um transgressor apenas de acordo com a gravidade do seu delito. Deus, mais justo que qualquer juiz terreno, nunca poderia punir um homem, por uma ou muitas encarnações de péssima conduta, com uma sentença desproporcionadamente eterna de exílio no erro. Causas finitas não podem produzir efeitos infinitos". (Paramahansa Yogananda, **Self-Realization Magazine**, Setembro de 1952, páginas 21 e 22). (N.T.)

[15] O meu guru aprovara o jejum como método depurativo natural e ideal; o mencionado discípulo, porém, preocupava-se excessivamente com o seu corpo.

[16] Esteve doente, uma vez, em Cachemira, quando me achava longe dele. (Ver **capítulo 21**).

“O corpo é um amigo traiçoeiro. Dá-lhe o que é devido; nada mais! Dor e prazer são transitórios; suporta todas as dualidades com calma, tentando, ao mesmo tempo, colocares-te acima do poder de ambos! A imaginação é a porta pela qual penetram tanto a enfermidade quanto a cura! Não acredites na realidade da doença, mesmo quando estiveres doente; um visitante inadmitido baterá em retirada!

O Mestre contava com muitos médicos entre os seus discípulos. Dizia-lhes: - Os que estudaram fisiologia deveriam ir além e investigar a ciência da alma. Um subtil mecanismo oculta-se atrás da estrutura física[17].

Aconselhava aos seus discípulos a serem elos vivos das virtudes do Oriente e do Ocidente. Ele próprio, um executivo, como um ocidental nos seus hábitos exteriores, era, interiormente, um oriental em espiritualidade. Elogiava o progresso, os recursos e os processos higiénicos do Ocidente, bem como os ideais religiosos que dão ao Oriente a sua auréola de séculos.

A disciplina não me era desconhecida; em casa, o pai fora restritivo e Ananta frequentemente severo. Mas o ensinamento de Sri Yukteswar só poderia ser descrito como drástico! Perfeccionista, era hipercrítico dos seus estudantes, fosse em questões imprevistas ou nas mínimas subtilezas da conduta estabelecida.

“As boas maneiras, destituídas de sinceridade, parecem-se com uma mulher linda, porém, morta - comentava ele em ocasião oportuna. – A franqueza, sem cortesia, é como o bisturi do cirurgião, eficiente, mas desagradável. A franqueza, aliada à polidez, é útil e admirável.

O Mestre estava satisfeito, evidentemente, com o meu progresso espiritual, pois, raras vezes, referia-se a ele; em outros assuntos, entretanto, os meus ouvidos não desconheciam a reprovação. Os meus principais defeitos eram distracção, incidência complacente em acessos de melancolia, inobservância de certas regras de etiqueta e actuações ocasionais isentas de método.

“Observa quanta organização e equilíbrio apresentam as actividades do teu pai Bhagabati! - assinalava ele. Os dois discípulos de Lahiri Mahasaya tiveram um encontro logo após a minha primeira visita ao eremitério de Serampore. O papá e o Mestre sentiam profunda admiração um pelo outro. Ambos haviam construído uma formosa vida interior com alicerces de granito espiritual, indissolúveis no tempo.

“De um transitório instrutor da minha vida pregressa, absorvera algumas lições erradas. Um **chela**, ensinara-me ele, não necessitava de preocupar-se, activamente, com deveres mundanos; ao negligenciar ou realizar descuidadamente as minhas tarefas, eu não fora punido. A natureza humana assimila facilmente tal instrução. Sob

---

[17] Um corajoso médico, Charles Robert Richet, Prémio Nobel da Fisiologia, escreveu o seguinte: “A Metapsíquica (Parapsicologia) ainda não é uma ciência oficialmente reconhecida. Mas sê-lo-á... Em Edimburgo, perante cem fisiologistas, tive a oportunidade de afirmar que os cinco sentidos não são os nossos únicos meios de conhecimento e que um fragmento da realidade, às vezes, atinge a inteligência por outras vias... A raridade de um fenómeno não é razão para se negar a sua existência. E a dificuldade que um estudo apresenta será motivo para não se compreendê-lo?... Os que levantam uma barreira contra a Metapsíquica como ciência oculta sentirão tanta vergonha de si mesmos como aqueles que se opuseram à Química apoiados na declaração de que a busca da pedra filosofal era ilusória... Em matéria de princípios, temos somente os de Lavoisier, Claude Bernard e Pasteur, que se resumem num só, o experimental, sempre e em toda a parte. Benvinda seja, pois, a nova ciência que vem modificar a orientação do pensamento humano”.

a implacável férula do Mestre, contudo, logo me recobrei dessas agradáveis ilusões de irresponsabilidade.

“Os que são demasiado bons para este mundo, estão a adornar algum outro!- Comentou Sri Yukteswar, certo dia. – Enquanto tu, Mukunda, respirares o ar livre da Terra, estarás obrigado a prestar serviço agradecido. Só quem dominou completamente o estado sem respiração[18] é que se libertou dos imperativos cósmicos. - E acrescentou secamente: - Não te deixarei sem o devido comunicado quando tiveres atingido a perfeição final!

O meu guru não podia ser subornado, nem mesmo por amor. Não mostrava qualquer indulgência com quem, como eu, voluntariamente se oferecera para ser seu discípulo. Estivéssemos, o Mestre e eu, cercados por discípulos ou por estranhos, ou mesmo estivéssemos os dois a sós, a sua linguagem era sempre clara, categórica, contundente. Nenhum lapso trivial de superficialidade ou incoerência escapava à sua repulsa. Este tratamento aplainador do ego era duro de suportar, mas eu adoptara a decisão irrevogável de permitir que Sri Yukteswar passasse a ferro todas as minhas rugas psicológicas. Enquanto ele trabalhava nesta transformação titânica, muitas vezes estremeci sob o peso do seu martelo disciplinador.

“Se não te agradam as minhas palavras, tens a liberdade de partir a qualquer momento! - Assegurou-me o Mestre. - Nada quero de ti, a não ser o teu próprio aperfeiçoamento. Continua aqui, apenas se isso te trouxer algum benefício!

Estou-lhe imensamente grato pelos golpes humilhantes que desferiu em minha vaidade! Às vezes, eu sentia, metaforicamente, que ele estava a descobrir e extrair pela raiz cada dente infectado do meu maxilar**.** A não ser com rudeza, é difícil desalojar do duro coração o egotismo. Expulso este, o Divino encontra, enfim, um canal desobstruído. Em vão, procura Ele infiltrar-Se nos empedernidos corações do egoísmo**.**

A intuição de Sri Yukteswar era penetrante; descurando as formulações ouvidas, ele, comummente, respondia aos pensamentos inexpressivos de alguém. As palavras que um indivíduo emprega, e os verdadeiros pensamentos por detrás delas, podem ser pólos distantes. “Usando de calma”, dizia, “tente sentir os pensamentos por detrás da confusa verborreia humana!”.

O que a instantânea percepção divina revela é, muitas vezes, doloroso aos ouvidos mundanos; o Mestre não era popular entre estudantes superficiais; os sábios, sempre poucos em número, reverenciavam-no profundamente.

Atrevo-me a dizer que Sri Yukteswar teria sido o mais procurado guru da Índia, se a sua linguagem não tivesse sido tão franca e tão severa!

“Sou muito duro para os que buscam a minha instrução! - admitia ele ao conversar comigo. - Esta é a minha maneira! Aceitem-na ou não; eu nunca transijo! Mas serás muito mais brando com os teus discípulos! Essa é a tua maneira de ser! Eu busco purificar apenas com o fogo da severidade: Um cauterizante que ultrapassa a tolerância média. A delicadeza do amor também é transfigurante. Os métodos

---

[18] **Samadhi**: superconsciêncía.

inflexíveis e os benévolos são igualmente eficientes, se aplicados com sabedoria. - Acrescentou ele: - Irás a países estrangeiros onde os bruscos assaltos ao ego não são apreciados. Um mestre não poderia divulgar a mensagem da Índia, no Ocidente, sem um amplo cabedal de paciência acomodatícia e de indulgência. (Recuso-me a dizer quantas vezes, na América, me lembrei das palavras do Mestre!)

Embora a linguagem franca do meu guru lhe evitasse um numeroso discipulado, durante a sua permanência na Terra, não obstante, o seu espírito vive no mundo actual, através de um número, sempre crescente, de sinceros estudantes e dos seus ensinamentos. Guerreiros como Alexandre, o Grande, buscaram reinar sobre terras; mestres como Sri Yukteswar conquistaram um domínio mais duradouro - nas almas dos homens!

Era costume do Mestre salientar as faltas singelas, olvidáveis, dos seus discípulos com ar de portentosa gravidade. Um dia, o meu pai visitou Serampore para apresentar os seus cumprimentos a Sri Yukteswar e, esperava, muito provavelmente, ouvir algumas palavras de louvor a meu respeito. Consternado ficou ao lhe ser feito um longo relato das minhas imperfeições. Correu a ver-me:

- Pelos comentários do teu guru, creio que és um completo fracasso! – O meu progenitor oscilava entre as lágrimas e o riso...

Só havia um motivo para o desagrado de Sri Yukteswar naquela ocasião: eu estivera a tentar, contra a sua delicada sugestão, converter certo homem à senda espiritual.

Com presteza indignada, procurei-o! Recebeu-me de olhos baixos, como se estivesse consciente da sua culpa. Foi a única vez que vi o divino leão humilde ante mim! O momento ímpar foi saboreado, integralmente!

- Senhor, por que me julgou tão impiedosamente diante do meu aturdido pai?! Isso foi justo?!

“Não o farei outra vez! - O tom do Mestre era de quem se desculpava.

Nesse mesmo instante, fiquei desarmado! Com que rapidez o grande homem admitia uma falta! Embora nunca mais tivesse perturbado a paz de espírito do papá, o Mestre continuou, implacavelmente, a dissecar-me onde e quando ele quisesse.

Os novos discípulos, com frequência, uniam-se a Sri Yukteswar em críticas exaustivas aos outros. Sábios como o guru! Modelos de discernimento, sem nenhuma brecha! Mas quem toma a ofensiva não deve apresentar-se indefeso. Os próprios estudantes censores fugiam precipitadamente assim que o Mestre, em público, disparava em suas direcções algumas flechas da sua aljava analítica.

“Sensitivas fraquezas íntimas, que se revoltam aos menores toques de censura, são como partes enfermas do corpo, recuando ao mais delicado contacto. - Eis o comentário divertido de Sri Yukteswar sobre os fugitivos.

Muitos discípulos julgam as - palavras e os actos de um guru através da imagem preconcebida que dele formaram. Tais pessoas queixavam-se, amiúde, de que não entendiam Sri Yukteswar.

- Nem compreendem Deus! - repliquei em certa ocasião. Se um santo lhes fosse inteligível, seriam santos!

No meio dos trilhões de mistérios, pode alguém, respirando em cada segundo o ar inexplicável, aventurar-se a exigir que a natureza insondável de um mestre seja entendida instantaneamente?

Estudantes vinham e, geralmente, iam-se. Os que ansiavam por um caminho fácil - o da benevolência imediata e o do reconhecimento confortador dos seus próprios méritos - não os encontravam no eremitério! O Mestre oferecia aos seus discípulos abrigo e orientação, como um pastor de rebanhos, para a eternidade, mas muitos estudantes, miseravelmente, demandavam também o bálsamo para o seu ego. Eles partiam, preferindo, em vez da humildade, as humilhações incontáveis da vida. Os raios ardentes de Sri Yukteswar, a penetrante luz solar da sua sabedoria, eram excessivamente poderosos para a enfermidade espiritual destes peregrinos. Cedo, procuravam algum instrutor menor que lhes permitisse, sob o cobertor da adulação, o obstinado sono da ignorância.

Durante os meus primeiros meses com o Mestre, experimentei susceptibilidade e medo das suas reprimendas. Logo percebi que as suas vivissecções verbais eram realizadas apenas em pessoas que, como eu, lhe tivessem solicitado esse tratamento disciplinador. Se, entre as convulsões resultantes, algum discípulo protestasse, Sri Yukteswar, sem se ofender, volvia ao silêncio. As suas palavras nunca mostravam cólera, mas eram impessoais em sua sabedoria.

As repreensões do Mestre não se destinavam a visitantes casuais; raramente fazia observações a propósito dos defeitos alheios, mesmo que fossem bastante manifestos. Mas em relação aos estudantes que buscavam o seu conselho, Sri Yukteswar sentia séria responsabilidade. Valente é, em verdade, o guru que empreende transformar o minério bruto da humanidade, saturada de ego! A coragem de um santo tem raiz em sua compaixão pelos seres que **maya** desnorteia, os cegos tropeçantes do mundo!

Depois que abandonei o ressentimento subjacente, houve marcante decréscimo em meus castigos. De modo subtilíssímo, o Mestre derretia-se em relativa clemência. Com o tempo, demoli todo o muro de racionalização e de subconsciente reserva[19], por detrás do qual a personalidade humana geralmente se escuda. A harmonia com o meu guru, sem qualquer esforço, foi a recompensa. Descobri que ele era digno de confiança, cheio de consideração pelos outros e, silenciosamente, amoroso! Não sendo demonstrativo, contudo, não pronunciava uma só palavra de afecto.

O meu próprio temperamento é essencialmente devocional. Foi desconcertante, de início, descobrir que o meu guru, saturado de **jnana** mas, na aparência, seco de **bhakti**[20], se expressava principalmente em termos de fria matemática espiritual. À

---

[19] Assinalou o rabi Israel H. Levinthal numa conferência em Nova York: "O nosso ser consciente e subconsciente é coroado pela superconsciência. Há muitos anos atrás, o psicólogo inglês F. W. H. Myers sugeriu que "oculto nas profundezas do nosso ser há um monte de lixo e também uma arca de tesouros". Em contraste com a psicologia que centraliza todas as suas pesquisas no subconsciente da natureza humana, a nova psicologia da superconsciência focaliza a sua atenção onde se encontra o tesouro: a única região que pode explicar as grandes, altruísticas e heróicas acções do homem".

[20] *Jnana*, sabedoria e *bhakti*, devoção: duas das principais sendas para Deus.

medida, porém, que me sintonizei com a sua natureza, não diminuiu, pelo contrário, aumentou a devoção com que me acercava de Deus. Um mestre, que alcançou a experiência directa e pessoal de Deus, está, inteiramente, capaz de guiar os seus vários discípulos pelos rumos mais adequados à tendência essencial de cada um.

Verbalmente, as minhas relações com Sri Yukteswar eram algo inarticuladas; entretanto, possuíam eloquência oculta**.** Frequentemente, encontrei a sua assinatura silenciosa em meus pensamentos, tornando inútil a linguagem oral. De pernas cruzadas ao seu lado, em quietude, eu sentia a sua bondade generosa infiltrando-se pacificamente em meu ser.

Da sua justiça imparcial, o Mestre deu notável prova durante as férias de Verão do meu primeiro ano universitário. Aguardados com bastante antecipação, seriam aqueles os primeiros meses ininterruptos com o meu guru em Serampore.

“Poderás tomar conta do eremitério! - Sri Yukteswar experimentou prazer com a minha chegada entusiástica. – Os teus deveres serão a recepção aos hóspedes e a supervisão do trabalho dos outros discípulos.

Kumar, um jovem oriundo de uma aldeia de Bengala oriental, foi aceite, uma quinzena mais tarde, para receber o ensinamento no **ashram**. De inteligência incomum, rapidamente conquistou a afeição do Mestre. Por alguma razão insondável, Sri Yukteswar não adoptou a atitude de crítica em relação ao novo residente.

“Mukunda, deixa que os teus deveres sejam agora os de Kumar. Emprega o teu próprio tempo a varrer e cozinhar! - O Mestre deu estas instruções um mês após a permanência do jovem connosco.

Elevado à liderança, Kumar exerceu mesquinha tirania doméstica. Em silenciosa rebelião, os outros discípulos continuaram a procurar-me para o aconselhamento diário. Esta situação persistiu durante três semanas; então, ouvi, por acaso, uma conversa entre o Mestre e Kumar.

- Mukunda é insuportável! - dizia o jovem. - O senhor fez-me supervisor e, apesar disso, os outros dirigem-se a ele e obedecem-lhe.

“Por isso, designei o Mukunda para a cozinha e tu para a sala de recepção; dessa forma, virias a compreender que um líder, digno desse nome, possui o desejo de servir, não o de dominar! - O tom seco na voz de Sri Yukteswar era novo para Kumar. “Quiseste a posição do Mukunda, mas não a pudeste manter com mérito. Regressa agora à tua ocupação anterior de ajudante de cozinheiro.

Após este humilhante incidente, o Mestre adoptou de novo em relação a Kumar a sua primeira atitude de indulgência inusitada. Quem pode decifrar o mistério da atracção? Em Kumar, o nosso guru descobriu uma fonte encantadora - fonte, entretanto, que não fluía para os condiscípulos**...** Apesar de o novo estudante ser obviamente o favorito de Sri Yukteswar, não senti tristeza. Idiossincrasias pessoais, que até os mestres possuem, emprestaram uma rica complexidade ao esquema da vida. A minha natureza raramente é governada por minúcias**,** eu estava a buscar em Sri Yukteswar um benefício mais alto do que o elogio exterior.

Um certo dia, Kumar teve para comigo, sem motivo, uma expressão venenosa: fiquei profundamente ferido!

- Tens a cabeça cheia de arrogância a ponto de estourar!

Acrescentei um aviso cuja verdade sentia intuitivamente: A não ser que te corrijas, algum dia serás solicitado a abandonar o **ashram**…

Com uma risada sarcástica, Kumar repetiu o meu comentário ao nosso guru que acabava de entrar na sala. Esperando uma repreensão na íntegra, retirei-me humildemente para um canto.

"Talvez Mukunda tenha razão! - A resposta do Mestre ao jovem brotou com inusitada frieza.

Um ano mais tarde, Kumar afastou-se para uma visita ao lar da sua infância. Fizera caso omisso da silenciosa desaprovação de Sri Yukteswar que jamais controlara autoritariamente os passos dos seus discípulos. Quando o jovem regressou a Serampore, alguns meses depois, notava-se nele uma mudança desagradável. Desapareceu o orgulhoso Kumar com a sua face serenamente brilhante. À nossa frente estava apenas um camponês vulgar que adquirira, durante a sua ausência, múltiplos vícios.

O Mestre chamou-me e, de coração a sangrar, considerou o facto de estar o jovem, agora, inqualificável para a vida monástica no eremitério:

"Mukunda, deixarei a teu cargo dares instruções ao Kumar para que abandone o eremitério amanhã; eu não o posso fazer! - Lágrimas assomavam aos olhos de Sri Yukteswar, mas ele rapidamente dominou-se. - Este jovem nunca teria descido tanto se me tivesse escutado, em vez de sair daqui para se misturar com companhias indesejáveis. Rejeitou a minha protecção; o mundo, com as suas calosidades, deve ser ainda o seu guru!

A partida de Kumar nenhuma alegria me trouxe; melancolicamente me admirava de que alguém, com o poder de conquistar o amor de um mestre, se dispusesse a responder tão depressa às seduções mundanas! Os prazeres do vinho e do sexo estão enraizados no homem natural; apreciá-los, nenhuma delicadeza de percepção requer. As atracções dos sentidos são comparáveis ao oleandro sempre verde, perfumado por flores de matizes rosados; cada porção da planta é venenosa[21]! O país da cura está em nosso interior, irradiando essa felicidade que é procurada cegamente em milhares de direcções externas!

"A inteligência aguda tem duas lâminas! - Observou o Mestre, certa vez, referindo-se à mente brilhante de Kumar. - Pode ser usada construtiva ou destrutivamente, à semelhança de uma faca, para lancetar o tumor da ignorância ou para decapitar o próprio indivíduo! Este segue a direcção intelectual correcta, só depois que reconheceu a impossibilidade de escapar às leis espirituais!

---

[21] "O homem, em seu estado de vigília, entrega-se a inúmeros esforços para fruir os prazeres sensuais; quando todo o conjunto dos órgãos dos sentidos se cansa, o homem esquece até mesmo do prazer que tem à mão e entrega-se ao sono para gozar de descanso em sua alma, a sua verdadeira natureza", escreveu Shankara, o grande Vedantísta. "A beatitude ultra-sensual é assim extremamente fácil de alcançar, sendo muito superior aos deleites dos sentidos que sempre terminam em desgosto".

O meu guru convivia sem constrangimento com discípulos masculinos e femininos, tratando todos como crianças. Percebendo a igualdade das suas almas, nenhuma distinção fazia entre eles e nenhuma parcialidade demonstrava.

“Ao dormir, não sabem se são homens ou mulheres! - Dizia. - Assim como um homem, ao representar uma personagem feminina, não se torna mulher, também a alma, personificando os dois sexos, permanece superior às qualificações. A alma é a imagem imutável de Deus e, portanto, está acima de qualificativos!

Sri Yukteswar nunca evitou as mulheres nem as culpou de serem causa da “queda do homem”. Salientava que também as mulheres têm de se defrontar com a tentação do sexo oposto. Certa vez, perguntei ao Mestre porque um grande santo da antiguidade chamara à mulher “a porta do inferno”:

“Uma jovem deve haver-lhe transtornado a paz de espírito, quando moço! – O meu guru respondeu, causticamente. - De contrário, teria acusado, não a mulher, mas algum defeito em seu próprio autodomínio**...**

Se um visitante se atrevesse a contar, no eremitério, uma história maliciosa, o Mestre mantinha um silêncio irreplicável. - Não permita a si mesmo ser fustigado pelo látego provocante de um belo rosto! - Dizia aos discípulos. - Como podem os escravos dos sentidos apreciar o mundo?! Sabores e aromas subtis escapam-lhes, enquanto rastejam no lodo primitivo! Todo o discernimento correcto está perdido para o homem afeito à luxúria!

- *Os* estudantes que procurassem fugir à ilusão do sexo, induzida por **maya**, recebiam de Sri Yukteswar um conselho paciente e compreensivo**:**

“Assim como a fome, e não a gula, tem um propósito legítimo, também o instinto sexual foi criado pela Natureza unicamente para a propagação das espécies e não para manter acesos apetites insaciáveis - dizia ele. - Destruam os maus desejos, agora! De contrário, permanecerão convosco após o corpo astral ter-se separado do seu invólucro físico**...** Mesmo quando a carne é fraca, a mente deveria resistir sem pausa! Se a tentação vos assaltar com uma força cruel, vençam-na por meio da análise impessoal e da vontade indomável! Toda a paixão natural pode ser dominada**...** Conservem os vossos poderes! Sejam como o oceano na sua vasta capacidade, absorvendo todos os rios tributários dos sentidos! Ânsias sensuais, renovadas diariamente, solapam a vossa paz íntima; são como fendas num reservatório que permitem às águas vitais perderem-se no solo desértico do materialismo! O impulso dos maus desejos, potente e activador, é o maior inimigo da felicidade humana. Passeiem como leões do autodomínio! Não consintam que as fraquezas dos sentidos saltem em vosso redor como sapos!

Um verdadeiro devoto termina por se libertar de todas as compulsões instintivas. Ele transmuda a sua necessidade de afecto humano em aspiração por Deus apenas - amor solitário, por ser omnipresente!

A mãe de Sri Yukteswar morava no distrito de Rana Mahal, em Benares, onde fiz a primeira visita ao meu guru. Cheia de graça e bondade era, entretanto, mulher de opiniões bem definidas. Um dia, estando de pé no terraço de sua casa, observei mãe e filho conversando juntos, O Mestre, à sua maneira serena e sensata, tentava

convencê-la de algo. Evidentemente não teve êxito, pois ela abanou a cabeça com grande vigor.

- Não, não, meu filho! Vai-te embora, já! As tuas sábias palavras não são para mim! Não sou tua discípula!.

Sri Yukteswar afastou-se sem mais argumentos, semelhante a uma criança repreendida. Comoveu-me o seu grande respeito pela mãe, mesmo quando esta adoptava atitudes contrárias à razão. Ela via-o apenas como o seu filho menino e não como um sábio. Havia um encanto no banal incidente; iluminava um perfil, a natureza invulgar do meu guru: internamente humilde e externamente indobrável.

As regras monásticas proíbem a um **swami** conservar-se atado a laços mundanos depois de pronunciar votos solenes. Ele não pode realizar os ritos fúnebres que são obrigatórios para os chefes de família. Entretanto, Shankara, reorganizador da veneranda Ordem dos Swamis, desobedeceu às prescrições. Após a morte da mãe muito amada, efectuou-lhe a cremação do corpo com fogo celeste que fez surgir erguendo a própria mão.

Também Sri Yukteswar não tomou conhecimento das restrições **–** de maneira menos espectacular. Ao morrer-lhe a mãe, providenciou os ritos de cremação, junto ao Ganges sagrado, em Benares, e alimentou muitos brâmanes, de acordo com as tradições da família hindu.

As proibições **shástricas** destinavam-se a ajudar os **swamis** a transcender identificações estreitas. Shankara e Sri Yukteswar haviam submergido os seus seres integralmente no Espírito Impessoal; não precisavam de salvar-se por meio de regras. Às vezes também um mestre finge ignorar, de propósito, um cânone, a fim de sustentar a essência como superior à forma e independente desta. Assim, Jesus arrancou espigas de trigo em dia de descanso. Aos críticos inevitáveis, ele disse: "O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado"[22].

Exceptuando as Escrituras, Sri Yukteswar lia pouco. E, contudo, estava, invariavelmente, a par das últimas descobertas científicas e de outros progressos do conhecimento[23]. Conversador brilhante, apreciava trocar ideias sobre inúmeros tópicos com os seus hóspedes. A inteligência sagaz e o riso travesso do meu guru animavam qualquer discussão. Frequentemente grave, o Mestre nunca se achava sombrio. Costumava dizer, citando a Bíblia[24]: "Para buscar Deus, os homens não necessitam de desfigurar as faces! Recordem que o encontro com Deus há-de ser o funeral de todos os pesares.".

Dentre filósofos, professores, advogados e cientistas que vinham ao eremitério, alguns, em sua primeira visita, chegavam a pensar encontrar um religioso ortodoxo. Às vezes, um sorriso desdenhoso, ou um olhar de tolerância divertida, denunciava os novos visitantes que não esperavam ouvir mais do que uns poucos e piedosos lugares comuns. Após conversarem com Sri Yukteswar e descobrirem que ele penetrava com

---

[22] **Marcos**, 2:27

[23] Quando assim o queria, o Mestre podia, instantaneamente, sintonizar a sua mente com a de qualquer homem (um poder iogue mencionado nos **Yoga Sutras**, 3:19, de Patanjali). Os seus poderes como rádio humano e a natureza dos pensamentos, são explicados no capítulo 15.

[24] **Mateus**, 6:16

intuição exacta em seus sectores de estudos especializados, era com relutância que se despediam.

O meu guru, comummente, era gentil e afável com os seus hóspedes; expressava as suas boas-vindas com encantadora cordialidade. Entretanto, os ególatras inveterados sofriam, amiúde, um choque revigorante. No Mestre, deparavam ou com frígida indiferença ou com oposição formidável; gelo ou ferro!

Certa ocasião, um químico, de renome, cruzou lanças com Sri Yukteswar. O visitante não admitia a existência de Deus, já que a ciência não concebera meio algum de torná-Lo perceptível.

"O senhor, pois, fracassou inexplicavelmente em suas tentativas de isolar o Poder Supremo em tubos de ensaio! - O olhar do Mestre exprimia severidade. - Recomendo-lhe uma nova experiência: examine os seus pensamentos, sem interrupção, durante vinte e quatro horas. Depois… não se admire mais da ausência de Deus.

Um famoso erudito recebeu sacudidela similar. Aconteceu em sua primeira visita ao **ashram**. As vigas do tecto faziam eco ao visitante na sua declamação de passagens do **Mahabharata**, **Upanishads**[25], e **bhasyas** (comentários) de Shankara.

"Estou à espera de ouvi-lo?! - O tom de Sri Yukteswar era interrogativo, como se houvesse reinado um silêncio absoluto. O erudito ficou perplexo!

"Citações houve abundantemente! - As palavras do Mestre provocavam-me convulsões de riso, enquanto eu me sentava de pernas cruzadas no meu canto, à respeitosa distância do visitante. - Mas que comentário original pode o senhor fornecer, proveniente da singularidade da sua própria vida?! Que texto sagrado o senhor assimilou e o fez seu?! De que forma estas verdades perenes renovaram a sua natureza?! Agrada-lhe ser uma vitrola vazia, repetindo, mecanicamente, as palavras de outros homens?!

- Dou-me por vencido! - O desgosto do erudito era cómico.- Não possuo realização interna!

Pela primeira vez, quiçá, ele compreendeu que, discernir sobre a colocação de uma vírgula não resgata ninguém do estado de coma espiritual[26].

"Estes pendantes sem sangue cheiram a querosene de lampião[27]. Injustificadamente - comentou o meu guru, após a partida do homem castigado - consideram a filosofia

---

[25] Os **Upanishads** ou **Vedanta** (literalmente, "a parte final dos **Vedas**") aparecem a certos intervalos nos quatro **Vedas** e são sumários essenciais que formam a base doutrinária da religião hindu, Schopenhauer exaltou-lhe "os pensamentos profundos, originais e sublimes", acrescentando: "O acesso aos **Vedas** (em traduções ocidentais dos **Upanishds**) é, aos meus olhos, o maior privilégio que este século pode reivindicar em relação a todos os séculos anteriores."

[26] Um jogo de palavras homófonas (a grafia inglesa de "vírgula"é "comma") inevitavelmente perdido na tradução. **Autobiografia de um logue**, traduzida para 14 idiomas, já se tornou uma obra clássica da espiritualidade. Professores de filosofia em renomadas universidades norte-americanas estão a incluir este livro na bibliografia exigida ou recomendada para os seus programas em curso. Paramahansa Yogananda escreveu também **Meditações Metafisicas**, **Sussurros de Eternidade**, **Cantos Cósmicos**, **A Ciência da Religião**, **A Mãe Cósmica**, **Afirmações Científicas de Cura** e **Condições de Êxito**. Muitos dos seus comentários aos versículos da Escritura cristã e da Escritura hindu foram incluídos numa série de **Lições** destinadas a estudantes de ioga em seus lares.

como um brando exercício de ginástica intelectual. Os seus excelsos pensamentos permanecem cuidadosamente desvinculados, tanto da crueza da sua acção exterior, como de qualquer flagelante disciplina interna!

O Mestre salientava, em outras ocasiões, a futilidade da mera leitura de livros.

“Não confunda a compreensão, com um vasto vocabulário! - Comentava ele. - Os escritos sagrados são benéficos para estimular o desejo de realização interna, se um versículo, de cada vez, for vagarosamente assimilado. Caso contrário, o estudo intelectual contínuo pode resultar em vaidade, satisfação falsa e conhecimento indigesto.

Sri Yukteswar relatou algo da sua própria experiência ao receber instruções nas Escrituras. A cena foi num eremitério de uma floresta, em Bengala oriental, onde observou o procedimento de um instrutor renomado, Dabru Ballav. O seu método, simultaneamente simples e difícil, era comum na Índia antiga,

Dabru Ballav reunira os discípulos em seu redor na solidão das selvas. O sagrado **Bhagavad Gita** foi aberto diante deles. Imperturbavelmente, debruçaram-se apenas sobre uma passagem durante meia hora; depois, fecharam os olhos. Outra meia hora decorreu. O mestre fez um breve comentário. Imóveis, meditaram, outra vez, mais uma hora. Por fim, o guru perguntou:

- Compreendem agora o versículo?

- Sim, senhor! **–** Alguém do grupo aventurou-se a fazer esta afirmação.

“Não! Não, absolutamente! Procure a vitalidade espiritual que deu a estas palavras o poder de rejuvenescer a Índia, século após século! - Passou-se outra hora em silêncio. O mestre despediu-se dos discípulos; contudo, inesperadamente, voltando-se para Sri Yukteswar:

- Conhece o **Bhagavad Gita**?

“Não, senhor! Realmente, não! Apesar dos meus olhos e da minha mente terem percorrido as suas páginas, muitas vezes**…**

- Centenas de pessoas responderam-me diferentemente! - O grande sábio sorriu ao meu Mestre, abençoando-o! - Se alguém se ocupa com a exibição exterior da riqueza das Escrituras, que tempo lhe resta para o silencioso mergulho interno em busca das pérolas de valor incalculável?

Sri Yukteswar dirigia o estudo dos seus próprios discípulos, pelo mesmo método intensivo de concentrar a mente num assunto de cada vez. - A sabedoria não é assimilada com os olhos, mas sim com os átomos - dizia ele. - Quando a tua convicção de uma verdade não estiver apenas em teu cérebro, mas sim em todo o teu ser, poderás, então, modestamente, dar testemunho do seu significado. - Desencorajava qualquer tendência que o estudante pudesse ter, de considerar o conhecimento de obras literárias como degrau necessário à realização espiritual. - Numa única sentença, os **rishis** escreveram profundezas tais que os comentadores

---

[27] Alusão ao estudo à luz de querosene entre 1907 a 1917, época deste episódio.

eruditos se ocupam delas, geração após geração - disse ele. - Interminável controvérsia literária é para mentes vagarosas. Que pensamento libertador mais rápido do que “Deus é” ou, simplesmente, “Deus”?

O homem, porém, não regressa facilmente à simplicidade. Raras vezes é “Deus” o que importa ao intelectual mas, sim, o que possa ostentar ter aprendido acerca d’Ele. O seu ego satisfaz-se em alcançar tal erudição.

Homens, orgulhosamente conscientes da sua riqueza ou posição mundana, viam-se propensos, na presença do Mestre, a acrescentar humildade às suas outras posses. Certa ocasião, um magistrado local solicitou uma entrevista no eremitério à beira-mar em Puri. O homem tinha reputação de ser cruel e também o poder de expropriar-nos do **ashram**. Mencionei este facto ao meu guru. Mas ele sentou-se, com ar de quem não se dobra, e nem sequer se ergueu para cumprimentar o visitante.

Ligeiramente nervoso, sentei-me de pernas cruzadas junto à porta. Sri Yukteswar não me deu ordem de buscar uma cadeira para o magistrado, o qual teve de contentar-se com um caixote. Não se concretizaram as óbvias expectativas do visitante de que a sua importância seria cerimoniosamente reconhecida.

Seguiu-se uma discussão metafísica. O hóspede emaranhou-se em interpretações erróneas das Escrituras. À medida que a sua certeza imergia, a sua raiva emergia.

- Sabe que fui classificado em primeiro lugar na defesa da tese para o doutoramento?
- A razão havia-o abandonado; restava-lhe gritar…

“Magistrado! O senhor esquece-se de que esta sala não é a do seu tribunal! - Replicou o Mestre, serenamente. - Desses comentários infantis é possível inferir-se ter sido medíocre a sua carreira na Faculdade! Em todo o caso, um diploma universitário nada tem a ver com a realização védica. Não se produzem santos às fornadas, cada ano, como se produzem contadores!

Depois de um silêncio atordoante, o hóspede riu-se cordialmente.

- Este é o meu primeiro encontro com um magistrado celestial. **-** Disse ele. Mais tarde, fez uma solicitação formal, vazada em termos legais, que evidentemente eram parte da sua natureza, para ser aceite como discípulo “em estágio probatório”.

Em diversas ocasiões, Sri Yukteswar, a exemplo de Lahiri Mahasaya, desencorajava estudantes imaturos que pretendiam ingressar na Ordem dos Swamis. “Usar a túnica ocre, quando não se tem a realização de Deus, é iludir a sociedade! **–** Enfatizaram ambos os mestres. **-** Esqueça os símbolos exteriores de renúncia que o possam prejudicar, induzindo a um falso orgulho! Nada disso tem importância, excepto o seu constante, diário, avanço espiritual; e, para obtê-lo, pratique **Kriya Yoga**!”.

Ao medir o valor de um homem, um santo emprega um critério invariável, muito diferente dos cambiantes padrões do mundo. A humanidade **-** que se vê a si mesma tão variegada! **-** É vista, por um Mestre, dividida apenas em duas classes: homens ignorantes que não estão a procurar Deus e homens sábios que estão à Sua procura,

O meu guru cuidava pessoalmente dos detalhes relativos à administração da sua propriedade. Pessoas inescrupulosas, em várias ocasiões, tentaram apossar-se da sua terra ancestral. Com determinação e até intentando acções judiciais, Sri

Yukteswar venceu todos os seus oponentes. Sujeitou-se a estas experiências penosas, movido pelo desejo de jamais ser um guru mendicante ou uma carga para os seus discípulos,

A sua independência financeira era um dos motivos que desproviam o meu Mestre, alarmantemente franco, das astúcias da diplomacia. Ao contrário dos instrutores que têm de lisonjear aqueles que os sustentam, o meu guru era impermeável às influências, abertas ou subtis, da riqueza alheia. Nunca o vi pedir dinheiro, ou sugerir que lho dessem, para qualquer finalidade. Em seu eremitério, ministrava educação gratuita a todos os discípulos.

Um oficial da justiça chegou, certo dia, ao **ashram** de Serampore para uma intimação legal. Um discípulo, de nome Kariai, e eu conduzimo- lo à presença do Mestre.

A atitude do oficial de justiça para com Sri Yukteswar foi ofensiva: - Far-lhe-á bem deixar as obscuridades do seu eremitério e respirar o honesto ar do Tribunal! – Dirigindo-se a ele com desprezo. Não me pude conter: - Outra palavra sua de insolência e atirá-lo-lei ao chão!

Avancei ameaçadoramente!

Kariai também gritava: - Ó infeliz! Como se atreve a trazer as suas blasfémias para dentro deste santo **ashram**?!

O Mestre, porém, colocou-se em atitude protectora à frente de quem o insultara: - Não fiquem excitados por nada! Este homem está apenas a cumprir o seu dever!

O oficial, confuso com esta recepção cheia de contrastes, apresentou as suas desculpas e retirou-se apressadamente.

Era assombroso descobrir que um mestre, dotado de vontade ígnea, fosse tão calmo internamente. Ele enquadrava-se na definição védica de um homem de Deus: “Mais suave que a flor quando se trata de bondade; mais forte que o trovão quando os princípios estão em jogo.”

Existem sempre, neste mundo, aqueles que, segundo Browning, “Não toleram a luz, sendo, eles próprios, obscuros”. Às vezes, um desconhecido, exaltado por alguma ofensa imaginária, censurava severamente Sri Yukteswar. O meu imperturbável guru ouvia atenta e cortesmente, analisando-se a si mesmo para ver se havia algum traço de verdade na acusação. Estas cenas traziam à minha mente uma das observações inimitáveis do meu Mestre: “Algumas pessoas tentam ser altas cortando a cabeça das demais!”

A compostura infalível de um santo impressiona mais do que qualquer sermão. “Quem tarda a encolerizar-se, é superior ao poderoso; e quem governa a sua própria mente é maior que o conquistador de uma cidade.”[28]

Com frequência reflecti que o meu soberano Mestre poderia ter sido, facilmente, um imperador ou um guerreiro que teria feito tremer o mundo, se houvesse concentrado a

---

[28] Provérbios, 16:32.

sua mente na fama ou nas conquistas terrenas. Em vez disso, escolhera investir contra as cidadelas da raiva e do egotismo cuja queda equivale à ascensão do homem.

Capítulo 19 – O meu Mestre, em Calcutá, aparece em Serampore

Dúvidas artísticas assaltam-me, amiúde. Apesar disso, uma torturante suspeita, às vezes, persegue-me como um fantasma: não existirão na alma indesvendadas possibilidades? O homem não se extraviará do seu verdadeiro destino, se deixar de pesquisá-las?

Estas observações de Dijen Babu, o meu colega de quarto na pensão **Panthi**, nasceram do convite que lhe fiz para conhecer o meu guru.

- Sri Yukteswarji iniciar-te-á em **Kriya Yoga**! - Respondi. - O tumulto dualístico será acalmado por uma divina certeza interna.

Naquela noite, Dijen acompanhou-me ao eremitério. Em presença do Mestre, o meu amigo recebeu tamanha paz espiritual que logo se tornou visitante assíduo.

As preocupações triviais da vida quotidiana não satisfazem as nossas necessidades mais profundas; também de sabedoria o homem tem fome inata. As palavras de Sri Yukteswar inspiraram Dijen a tentar descobrir, dentro de si, um ser mais real do que o ego superficial de uma encarnação transitória.

Como Dijen e eu estávamos a seguir um curso universitário na Faculdade de Serampore, habituamo-nos a caminhar juntos para o **ashram**, assim que as aulas terminassem. Víamos frequentemente Sri Yukteswar de pé, na sacada do andar superior, com um sorriso de boas-vindas à nossa aproximação.

Uma tarde, Kanai, um jovem residente no eremitério, encontrou-se com Dijen e comigo, na porta, desapontando-nos com as suas notícias.

- O Mestre não está aqui; foi chamado a Calcutá por um bilhete com um recado urgente.

No dia seguinte, recebi um cartão postal do meu guru. “Partirei de Calcutá na manhã de quarta-feira - escreveu ele. – Mukunda, tu e o Dijen esperarão pelo comboio das nove da manhã, na estação de Serampore”.

Aproximadamente, às oito e meia, na quarta-feira de manhã, uma mensagem telepática de Sri Yukteswar brilhou como relâmpago na minha mente: “Estou atrasado; não esperes pelo comboio das nove horas!”.

Comuniquei as últimas instruções ao Dijen que já estava pronto para sair.

Tu e a tua intuição! - A voz do meu amigo tinha o corte afiado do desprezo. - Prefiro confiar na palavra escrita do Mestre!

Sacudi os ombros e sentei-me, decidido e quieto. Resmungando zangado, Dijen abriu a porta e bateu-a violentamente atrás de si.

Como a sala estivesse um tanto escura, acerquei-me da janela que dava para a rua. De súbito, a escassa luz solar aumentou até a uma intensidade resplandecente, onde a janela, com a sua grade de ferro, desapareceu por completo. Contra este fundo deslumbrante, apareceu a figura de Sri Yukteswar, claramente materializada!

Desnorteado pelo choque, levantei-me da cadeira e ajoelhei-me diante dele. Ao fazer o gesto habitual de respeitosa saudação aos pés do meu guru, toquei nos seus sapatos. Estes eram-me bastante familiares, de lona tingida de alaranjado, com sola de corda. A sua túnica ocre de swami roçou por mim; distingui não só a contextura do seu traje, mas também a áspera superfície dos sapatos e os dedos apertados dentro deles. Excessivamente assombrado para pronunciar uma palavra, ergui-me e encarei-o com olhos interrogativos.

"Quanto me alegra que tenhas recebido a minha mensagem telepática! - A voz do Mestre era tranquila e inteiramente normal. - Terminei agora os meus negócios em Calcutá e chegarei a Serampore no comboio das dez horas.

Como eu ainda o fitasse, com olhos arregalados e sem voz, Sri Yukteswar continuou: - Esta não é uma aparição, mas o meu corpo em carne e osso! Foi-me divinamente ordenado que te proporcionasse esta experiência, raras vezes conhecida na Terra. Encontras-me na estação; tu e o Dijen verão que me aproximo, vestido como estou agora. Serei precedido por um companheiro de viagem - um menino carregando uma jarra de prata.

O meu guru colocou as duas mãos na minha cabeça, murmurando uma bênção. Ao concluí-la com as palavras "*Taba así*"[29], ouvi um som peculiar, semelhante a um trovão distante[30]. O seu corpo começou a diluir-se gradualmente na imensa luz: Em primeiro lugar, desvaneceram-se os pés e pernas, depois o torso e a cabeça, como um pergaminho que se fosse enrolando; até ao último instante, senti os seus dedos pousados levemente nos meus cabelos. O resplendor apagou-se; nada permaneceu diante de mim, a não ser a janela gradeada e uma pálida faixa de luz solar.

Permaneci em estado de semi-estupor, perguntando-me se não fora vítima de uma alucinação. Dijen, cabisbaixo, entrou, pouco depois, no compartimento.

- O Mestre não estava no comboio das nove e meia. – O meu amigo trouxe as suas notícias com ar de quem debilmente se desculpava.

- Vem! Sei que ele chegará às dez horas! – Tomei-lhe a mão e forcei-o a correr comigo, sem fazer caso dos seus protestos. Em dez minutos chegámos à estação, onde a locomotiva já resfolegava junto à plataforma.

---

[29] "Até logo"em Bengali; literalmente, é um paradoxo cheio de esperança: "venho, então".
[30] O som característico da desmaterialização dos átomos corporais.

- Todo o comboio está saturado com a luz da aura do Mestre! Ali está ele! - Exclamei com alegria.

Estás a sonhar! - Dijen teve um riso de zombaria.

Esperemos aqui! - Antecipei, ao meu amigo, detalhes sobre o modo como o nosso guruji se aproximaria de nós. Acabada a minha descrição, divisámos Sri Yukteswar usando as mesmas roupas que eu vira pouco antes. Caminhava devagar, atrás de um jovenzinho que carregava uma jarra de prata.

Por um momento, um gélido arrepio de medo percorreu-me de cima abaixo, ao considerar a inacreditável estranheza da minha experiência! Senti o mundo materialista do século vinte a escorregar para longe de mim! Estaria eu a regressar a tempos longínquos, quando Jesus apareceu diante de Pedro, sobre o mar?!

Quando Sri Yukteswar, um moderno Cristo-iogue, se acercou do lugar onde Dijen e eu permanecíamos mudos e cravados no solo, o Mestre sorriu para o meu amigo e comentou:

“Enviei-te uma mensagem também, mas foste incapaz de captá-la!

Dijen manteve-se calado, mas lançou-me um olhar de suspeita. Depois de acompanharmos o nosso guru até ao seu eremitério, o meu amigo e eu prosseguimos para a Faculdade de Serampore. Dijen estacou-se na rua, a indignação transpirava de cada um de seus poros,

- Então! O Mestre enviou-me uma mensagem! Tu, porém, escondeste-a! Exijo uma explicação!

O que posso fazer?! Se o teu espelho mental oscila com tanta inquietude que não pode reflectir as instruções do nosso guru! - Retorqui.

A cólera desapareceu da face dele. - Compreendo o que queres dizer! - Afirmou tristemente. - Mas, por favor, explica-me como vieste a saber do menino com a jarra.

Ao terminar a história da aparição extraordinária do Mestre em nossa pensão, naquela manhã, o meu amigo e eu chegávamos à Faculdade.

- O relato que acabo de ouvir sobre os poderes do nosso guru - disse - faz-me pensar que a melhor Universidade do mundo é apenas um jardim de infância[31]!´

---

[31] “Coisas tais me foram reveladas que, tudo quanto escrevi, surge aos meus olhos, agora, como não tendo mais valor que palha”.
Assim falou S. Tomás de Aquino, o “Príncipe da Escolástica”, em resposta à ansiedade e urgência com que o seu secretário demandava que a **Summa Theologica** fosse completada. Um dia, em 1273, durante a missa numa igreja de Nápoles, S. Tomás experimentou profunda percepção mística. A glória do conhecimento divino, a tal ponto, inundou-o que, daí em diante, se desinteressou de realizações intelectuais.
Palavras de Sócrates (no **Fedro**, de Platão): “- Quanto a mim, tudo o que sei é que nada sei”.

Capítulo 42 - Últimos dias com o meu Guru

Guruji, que alegria encontrá-lo sozinho esta manhã! - Eu acabara de chegar ao eremitério de Serampore, carregando uma oferenda aromática de frutas e rosas. Sri Yukteswar observou-me com olhar suave.

“Que pergunta me queres fazer?! - O Mestre relanceou os olhos pela sala como se procurasse por onde fugir.

- Guruji, vim para a sua companhia quando eu era um jovenzinho de escola secundária; agora sou um homem feito, já com um ou dois fios de cabelo branco! Embora o senhor me tivesse cumulado de silenciosa afeição desde o primeiro instante até ao presente, já pensou que só uma vez, no dia de nosso encontro, disse: “eu amo-te”?! - Encarei-o, suplicante!

O Mestre baixou os olhos: - Yogananda, é necessário que eu traga, ao gélido reino da linguagem, sentimentos ardentes, melhor guardados na mudez do coração?

- Guruji, sei que me ama, mas os meus ouvidos mortais querem ansiosamente a confissão desse amor!

“Faça-se a tua vontade! Durante a minha vida de casado, muitas vezes, desejei vivamente ter um filho para o educar na senda iogue. Quando chegaste, porém, fiquei satisfeito; em ti, encontrei o meu filho! - Duas lágrimas límpidas marejavam dos olhos de Sri Yukteswar.

“Yogananda, eu amo-te, sempre!

- A sua resposta é o meu passaporte para o céu! - Senti que, de cima do meu coração, se retirava um peso, dissolvido para sempre em suas palavras. Apesar de saber que ele não era emotivo, mas reservado em seus sentimentos, eu cismava sobre o significado do seu silêncio. Às vezes, receava ter fracassado, talvez não lhe tivesse dado completa satisfação! Era ele de natureza estranha, jamais sendo possível conhecê-lo inteiramente; natureza profunda e silenciosa, insondável para o mundo exterior, cujos valores, há muito tempo, ele transcendera.

Alguns dias depois, falei a um grande público no Albert Hall, em Calcutá. Sri Yukteswar consentiu em sentar-se no estrado do conferencista, com o Marajá de Santosh e o Presidente da Câmara de Calcutá. O Mestre não fez qualquer comentário ao meu discurso; durante este, porém, fitei-o de vez em quando e ele pareceu-me satisfeito!

A seguir, fiz uma palestra aos ex-alunos da Faculdade de Serampore. Ao encarar os meus velhos colegas e ao verem eles o seu “Monge alucinado”, lágrimas de alegria brotaram, sem nenhuma vergonha[32]! O meu eloquente professor de filosofia, o dr. Ghoshal, adiantou-se para me cumprimentar; todos os nossos antigos desentendimentos já o Tempo, o alquimista, dissolvera.

---

[32] O dr. C. E, Abraham, director da Faculdade de Serampore, em carta dirigida a SRF, após o **mahasamadhi** de Paramahansaji, disse: “Sei que Sua Santidade tinha um grande amor pela Faculdade de Serampore; e a Bolsa de Estudos “Yogananda” permanecerá como um tributo adequado à sua memória e a esse amor” (Nota de SRF).

Celebrou-se o Festival do Solstício de Inverno, em fins de Dezembro, no eremitério de Serampore. Como sempre, reuniram-se os discípulos de Sri Yukteswar, vindos de pequena e grande distância. **Sankirtans** devocionais; solos pela voz, doce como o néctar, de Kristoda; um banquete servido por jovens discípulos; o discurso profundo e comovente do Mestre no pátio repleto do **ashram** sob as estrelas - quantas recordações! Alegres festivais de tempos idos! Naquela noite, entretanto, ia haver algo de novo.

"Yogananda, por favor, fala à assembleia, em Inglês! - Os olhos do Mestre piscavam, brilhantes, ao fazer-me este pedido duplamente incomum; estaria ele a pensar na situação de apuro em que me vi no navio, antes da minha primeira palestra em Inglês?! Contei a história aos meus ouvintes e condiscípulos, terminando com um fervoroso tributo ao meu guru.

- Ele guiou-me, infalivelmente, não só no transatlântico - concluí - mas todos os dias, durante os meus quinze anos no vasto e hospitaleiro território da América.

Depois de partirem os hóspedes, Sri Yukteswar chamou-me ao mesmo dormitório onde (uma só vez, após um festival semelhante) ele me permitira dormir em sua cama. Naquela noite, o meu guru estava sentado ali, tranquilamente, com um semicírculo de discípulos aos seus pés.

"Yogananda, vais partir agora para Calcutá? Por favor, volta aqui amanhã. Tenho algo a dizer-te!

Na tarde seguinte, com poucas e singelas palavras de bênção, Sri Yukteswar conferiu-me o título monástico de **Paramahansa**[33].

"Este título substitui, formalmente, o seu anterior de **Swami**! - Disse ele, enquanto eu me ajoelhava à sua frente. Com um sorriso, pensei nos esforços que teriam de fazer os meus estudantes ocidentais para pronunciar Paramahansaji[34].

"Agora a minha tarefa, na Terra, terminou! Yogananda, deves continuá-la! O Mestre expressou-se mansamente, com sossego e bondade no olhar. O meu coração palpitava de medo!

"Por favor, envia alguém para se responsabilizar pelo ashram de Puri[35] - continuou Sri Yukteswar. - Deixo tudo nas tuas mãos! Poderás, com sucesso, guiar o barco da tua vida e o da organização às praias da Divindade!

Em lágrimas, eu abraçava os seus pés; ele ergueu-se e abençoou-me com amor.

---

[33] Literalmente, **parama**, o mais alto; **hansa,** cisne, 0 cisne branco é representado mitologicamente como veículo ou montaria de Brahma, o Criador. Diz-se que o **hansa** sagrado tem o poder de extrair, de uma mistura de água e leite, somente o leite; é um símbolo de discernimento espiritual.
Ahan-sa ou **hansa** (pronuncia-se hong-so) significa literalmente "Eu sou Ele". Estas potentes palavras sânscritas têm relação vibratória com o alento inspirado e expirado. Assim, com a sua própria respiração, o homem afirma inconscientemente a verdade do seu ser: Eu sou Ele!

[34] Em geral, contornavam a dificuldade, chamando-me de sir (senhor).

[35] **Sri Yukteswar Vidyapith,** escola para meninos, funciona actualmente no **ashram** de Puri. Reuniões de **sadhus** e eruditos na Escrituras ocorrem ali periodicamente.

No dia seguinte, chamei de Ranchi um devoto, Swami Sebananda, e mandei-o a Puri para se responsabilizar pelo eremitério. Mais tarde, o meu guru discutiu comigo os detalhes legais para doar os seus bens; ele queria muito impedir um possível litígio entre os parentes, após a sua morte, quanto à posse dos seus dois eremitérios e de outras propriedades que ele desejava que fossem transferidas por escritura, exclusivamente para fins caritativos.

- O Mestre tinha tomado providências recentemente para visitar Kidderpore, mas acabou por não ir. - Amulaya Babu, um condiscípulo, deu-me esta informação, numa tarde; experimentei um arrepio gelado de premonição! Às minhas insistentes perguntas, Sri Yukteswar apenas respondeu: - Nunca mais irei a Kidderpore! - Por um momento, ele estremeceu como uma criança assustada!

("O apego à residência corpórea, oriundo da sua própria natureza[36], existe em grau mínimo até nos grandes santos" escreveu Patanjali. Em alguns dos discursos do meu guru sobre a morte, ele habituara-se a acrescentar: "... assim como um pássaro, há longo tempo habituado à gaiola, hesita em abandoná-la, quando a porta se abre".)

- Guruji - supliquei-lhe, soluçando - não me diga isso! Nunca pronuncie estas palavras diante de mim!

O rosto de Sri Yukteswar abrandou-me, com um sorriso apaziguante. Embora estivesse próximo do seu 81º aniversário, demonstrava saúde e vigor.

Dia após dia, banhando-me na luz solar do seu amor, inexpressivo, todavia, agudamente sentido, afastei do meu pensamento as várias insinuações que ele fizera, relativas ao iminente abandono do seu corpo.

- Senhor, a **Kumbha Mela** reúne-se este mês em Allahabad. - Apontei ao Mestre as datas da **mela** num almanaque bengali[37].

"Queres, realmente, ir?

Sem perceber que Sri Yukteswar relutava em aceitar o meu afastamento, prossegui: - O senhor viu, uma vez, a abençoada figura de Babaji numa **kumbha** de Allababad, Talvez, nesta oportunidade, eu tenha a sorte de vê-lo.

"Não creio que o encontrarás ali!. – Então, silenciou, não desejando contrariar os meus planos.

Quando parti para Allababad no dia seguinte, com um pequeno grupo, o Mestre abençoou-me, muda e serenamente, como sempre costumara fazer. Compreende-se que eu esquecesse o que estava implícito na atitude de Sri Yukteswar, porque o

---

[36] Isto é, oriundo de raízes imemoriais, de anteriores experiências de morte. Esta passagem encontra-se nos **Yoga Sutras,II:9,** de Patanjali.

[37] Mencionam-se **melas** religiosas no antigo **Mahabbarata.** 0 viajante chinês Hieuen Tsiang deixou um relato de uma vasta **Kumbha Mela** realizada em Allahabad, em 644 depois de Cristo. A **mela** maior ocorre cada dez anos; a imediatamente menor **(ardha** ou metade) ocorre cada seis anos. **Melas** menores reúnem-se cada três anos. As quatro cidades onde as **melas** se congregam são Allahabad, Hardwar, Nasik e Ujjain. Hiuen Tsiang conta-nos que Harsha, rei da Índia do norte, distribuiu aos monges e peregrinos na **Kumbha Mela** toda a riqueza (acumulada durante cinco anos) do tesouro régio. Quando Hieuen partiu para a China, recusou os presentes de jóias e ouro, oferecidos por Harsha; mas levou consigo, como objectos de grande valor, 657 manuscritos religiosos.

Senhor desejava poupar-me a experiência de ser obrigado a presenciar a morte do meu guru, sem nada poder fazer. Sempre aconteceu na minha vida, por ocasião da morte dos meus seres mais queridos, ter Deus disposto, piedosamente, que eu estivesse longe deles[38].

A nossa comitiva chegou a **Kumbha Mela** em 23 de Janeiro de 1936. A multidão, de quase dois milhões de pessoas, ondulando como o oceano, era um espectáculo impressionante e, até mesmo, opressivo. O génio peculiar do povo hindu é a reverência inata, mesmo no mais humilde homem do campo, pelos valores do Espírito e pelos monges e **sadhus** que renunciaram aos laços mundanos para buscar o ancoradouro divino. Impostores e hipócritas existem, sem dúvida; mas a Índia respeita todos por amor àqueles poucos que iluminam a Terra com bênçãos sublimes. Os ocidentais, que contemplaram o imenso espectáculo, tiveram a oportunidade única de sentir o pulso da nação, o ardor espiritual ao qual a Índia deve a sua vitalidade inesgotável que a preservou dos assaltos do tempo.

O nosso grupo passou o primeiro dia com os olhos arregalados. Milhares de peregrinos banhavam-se no sagrado Ganges para a remissão dos pecados; sacerdotes brâmanes realizavam ritos solenes de adoração; oferendas devocionais espalhavam-se aos pés de sannyasis silenciosos, filas de elefantes, cavalos ajaezados e camelos vagarosos de Rajput passavam por nós, seguidos por um estranho desfile religioso de **sadhus** desnudos que agitavam os seus ceptros de ouro e prata, ou as suas flâmulas de sedoso veludo.

Anacoretas, usando apenas tangas, sentavam-se quietos em pequenos grupos, os corpos untados de cinzas para os proteger do calor e do frio. O olho espiritual achava-se vividamente representado em suas testas por uma pinta única de pasta de sândalo. **Swamis** com os cabelos raspados apareciam aos milhares, todos carregando um bastão de bambu e uma escudela de esmolas. As suas faces resplandeciam com a paz dos que renunciaram. Aqui e ali, sob as árvores, em redor de enormes piras de toros a queimar, encontravam-se **sadhus** pitorescos[39], com os cabelos trançados em birote no alto da cabeça. Alguns usavam barbas de mais de um metro de comprimento, crespas e amarradas num nó. Sentavam-se em meditação ou estendiam as suas mãos abençoando centenas de transeuntes: mendigos, marajás montados em elefantes; mulheres em saris policrómicos, com pulseiras tilintantes nos braços e tornozelos; faquires com braços raquíticos erguidos grotescamente; **bramacharis** carregando suportes dos cotovelos para a meditação; e humildes sábios cuja solenidade escondia a sua beatitude interior. Muito acima desse alarido, ouvíamos a convocação incessante dos sinos dos templos.

No nosso segundo dia de **mela**, os meus companheiros e eu entrámos em vários **ashrams** e choças temporárias, saudando com **pronams** as figuras santas. Recebemos a bênção do Chefe do Ramo Giri da Ordem dos Swamis (um monge

---

[38] Não estive presente à morte da minha mãe, do meu irmão mais velho Ananta, da minha irmã mais velha Roma, do meu Mestre, do papá e de muitos outros **seres** queridos (o papá abandonou este mundo em Calcutá, em 1942, com a idade de 89 anos).

[39] As centenas de milhares de **sadhus** na Índia são controladas por uma comissão executiva de sete líderes representantes de sete grandes regiões do país.
0 actual **maharnandaleswar** ou presidente é Joyendra Puri. Este santo é extremamente reservado, limitando-se, em geral, a sua linguagem a três palavras:
Verdade, Amor e Trabalho. Discurso mais que suficiente!

magro, ascético, de olhos de fogo, sorridente). O nosso grupo visitou, a seguir, um eremitério cujo guru, nos últimos nove anos, vinha cumprindo o voto de silêncio e observando uma dieta frugívora. Num estrado, no salão desse **ashram**, sentava-se um **sadhu** cego, Prajna-Chakshu[40], profundo conhecedor dos **shastras** e extremamente reverenciado por todas as seitas.

Depois que pronunciei breve discurso em Hindi sobre **Vedanta**, o nosso grupo deixou o tranquilo eremitério para saudar um **swami** vizinho, Krishnananda, um belo monge com faces saudáveis e ombros impressionantes. Junto a ele, reclinava-se uma leoa domesticada. Sucumbindo ao encanto espiritual do monge (não, certamente, à sua força física!) o animal da selva recusava carne, preferindo arroz e leite. O **swami** ensinou a fera de pêlo fulvo a pronunciar **Aum** com um rugido profundo e atraente - uma devota entre os felídeos!

A nossa aventura seguinte: uma entrevista com um jovem **sadhu** erudito, é descrita com vivacidade no diário de viagem do sr. Wright:

"Viajámos no Ford, cruzando o Ganges, quase junto à foz, numa balsa que rangia; movíamo-nos devagar, como serpentes entre as multidões, e por ruelas tortuosas; circulámos pelo local, à margem do rio, onde, segundo Yoganandaji, se deu o primeiro encontro de Babaji com Sri Yukteswar. Descendo do carro, algum tempo depois, caminhámos um pouco, através da espessa fumaça que se evolava das fogueiras dos **sadhus**, e sobre areias escorregadias, para alcançar um aglomerado de minúsculas choças feitas de palha e barro. Detivemo-nos em frente a uma dessas habitações temporárias, com uma pequena entrada sem porta - abrigo de Kara Patri, jovem **sadhu** errante, notável por sua excepcional inteligência. Estava sentado de pernas cruzadas num monte de palha, de tom amarelo vivo; a sua única vestimenta e - diga-se de passagem - a sua única propriedade era um tecido ocre, pendendo, em dobras, dos seus ombros.

"Uma face verdadeiramente divina sorriu-nos, depois que penetrámos de gatas no interior da choça e realizámos a saudação de **pronam** diante dele, enquanto uma lanterna de querosene, à entrada, tremeluzia, fantástica, projectando sombras dançantes nas paredes de bambu. Os olhos do **sadhu** irradiavam felicidade; os seus dentes perfeitos reluziam. Eu não podia entender as suas palavras em Hindi, mas o seu rosto exprimia entusiasmo, amor e glória espiritual. Ninguém poderia enganar-se quanto à sua grandeza!

"Imagine-se a sua existência venturosa! Ele estava livre do problema de vestuário; livre da avidez por alimentos variados; livre de complicações financeiras - nunca armazenando nada, não levando consigo nem dínheiro nem escudela de esmolas, sempre confiando em Deus; livre das preocupações de transporte, jamais viajando em veículos mas caminhando pelas margens dos rios sagrados; não permanecendo em um só lugar mais de uma semana, para evitar o apego.

"Que modéstia de alma! Possuindo erudição invulgar sobre os **Vedas**, tinha o grau universitário de Doutor em Letras e o título de **Shastri** (Mestre em Escrituras) pela Universidade de Benares. Um sentimento sublime penetrou-me enquanto estive aos

---

[40] Título pelo qual é conhecido; significa "alguém que vê corri a sua inteligência" (não possuindo visão física).

seus pés; parecia uma resposta ao meu anseio de ver a Índia autêntica, a venerável, pois ele era um representante genuíno desta terra de gigantes espirituais!".

Indaguei de Kara Patri sobre a sua vida errante: - Tem uma roupa a mais para o Inverno?

- Não, esta é bastante!

- Leva alguns livros consigo?

- Não, ensino de memória as pessoas que me desejam ouvir!

- Que mais faz?

- Vagueio ao longo do Ganges!

Aos ouvir estas palavras tranquilas, dominou-me o desejo ardente de fruir a simplicidade da sua vida. Lembrei-me dos Estados Unidos e de todas as responsabilidades que me pesavam sobre os ombros.

"Não, Yogananda!", pensei tristemente, por um momento, "nesta encarnação, vagar ao longo do Ganges não é para ti!".

Quando o **sadhu** terminou o relato de algumas das suas realizações espirituais, interroguei-o bruscamente:

- Faz-me estas descrições, baseado na tradição das Escrituras ou em sua experiência interior?

- Uma metade, aprendi em livros - disse ele, com um sorriso franco - e a outra, por experiência!

Sentamo-nos por algum tempo, felizes, em silêncio meditativo. Depois de nos afastarmos da sua santa presença, eu disse ao sr. Wright: "Ele é um rei sentado num trono de palhas douradas."

Jantámos, naquela noite, nos terrenos da **mela**, sob as estrelas, em "pratos" de folhas alinhavadas juntas por galhinhos tenros. Reduz-se ao mínimo, na Índia, a lavagem de pratos!

Dois dias ainda de **mela** fascinante; a seguir, rumo ao noroeste, ao longo das margens do Jumna, para Agra. Mais uma vez contemplei o Taj Mahal; em minha memória, Jitendra estava ao meu lado, admirando, reverente, aquele sonho de mármore. Depois, para o **ashrarn** de Swami Keshabananda em Brindaban.

O meu objectivo, ao procurar Keshabananda, relacionava-se com este livro. Nunca me esqueci do pedido de Sri Yukteswar para que eu escrevesse a vida de Lahiri Mahasaya. Durante a minha permanência na Índia, aproveitava qualquer oportunidade para visitar discípulos directos ou parentes do Yogavatar. Registando as suas declarações em volumosos apontamentos, eu verificava datas e factos, coleccionava fotografias, cartas antigas e documentos. A minha pasta de informações sobre Lahiri Mahasaya começou a engrossar; percebi, com espanto, que teria diante de mim um árduo trabalho de escritor. Orei para estar à altura da minha função de biógrafo do

gigantesco mestre. Muitos dos seus discípulos temiam que, em relato escrito, o seu guru aparecesse diminuído ou fosse mal interpretado.

- Em frias palavras, dificilmente se pode fazer justiça à vida de uma encarnação divina - comentou-me, certa vez, Panchanon Battacharya.

Outros discípulos íntimos revelavam igual satisfação em guardar o Yogavatar oculto em seus corações, como preceptor imorredouro. Não obstante, consciente da predição da Lahiri Mahasaya sobre a sua biografia, não poupei esforços para descobrir e confirmar factos da sua vida exterior.

Swami Keshabananda saudou calorosamente a nossa comitiva, em Brindaban, no seu **ashram** Katyayani Peith; imponente edifício de tijolos, com maciços pilares negros, circundado por um belo jardim. Introduziu-nos imediatamente na sala de recepção, cujo adorno era uma fotografia ampliada de Lahiri Mahasaya. O **swami** aproximava-se dos noventa anos, mas o seu corpo musculoso irradiava saúde e vigor. De cabelos compridos, barba alvíssima como a neve, olhos cintilantes de alegria, ele era, na verdade, a personificação de um patriarca. Informei-o de que desejava mencioná-lo no meu livro sobre os mestres da Índia**:**

- Por favor, conte-me algo da sua vida em anos anteriores!

- Mostrei um sorriso suplicante; os grandes iogues não são, geralmente, comunicativos.

Keshabananda fez um gesto de humildade: - Quase nada que tenha importância exterior. Praticamente, a minha vida inteira decorreu nas solidões do Himalaia, viajando a pé, de uma para outra caverna silenciosa. Durante algum tempo, mantive um pequeno **ashram** nos arredores de Hardwar, cercado por todos os lados por um bosque de altas árvores. Era um sítio de paz, escassamente visitado por viajantes, devido à ubiquidade das cobras. - Swami Keshabananda esboçou um riso. - Mais tarde, uma enchente do Ganges carregou tanto o eremitério como as serpentes. Então, os meus discípulos ajudaram-me a construir este **ashram** em Brindaban.

Um dos membros da nossa comitiva perguntou ao **swami** como se protegera dos tigres do Himalaia[41].

Keshabananda aquiesceu com uma inclinação de cabeça: - Naquelas elevadas altitudes espirituais, os animais selvagens raramente molestam os iogues. Certa vez, na selva, encontrei-me face a face com um tigre. Bastou uma súbita exclamação minha e o animal paralisou-se como se fora convertido em pedra. - Novamente o **swami** riu-se das suas reminiscências. - Às vezes, eu abandonava a reclusão para visitar o meu guru em Benares. Ele costumava gracejar comigo sobre as minhas incessantes viagens pelas selvas himalaicas. Em certa ocasião, disse-me: “Tem nos

---

[41] Parece que há vários métodos de lograr um tigre. Um explorador australiano, Francis Birtles, afirmou ter achado as selvas indianas “variadas , belas e seguras”. Essa segurança, ele obtinha-a com um feitiço: papel de apanhar moscas. “Todas as noites, eu estendia uma quantidade desta fitas em redor de meu acampamento e nunca fui perturbado - explicou ele. - A razão é psicológica. O tigre é um animal consciente da sua grande dignidade; ronda, espreita e desafia o homem até que se cola ao papel pega-moscas; então, retira-se furtivamente. Nenhum tigre digno se atreveria a enfrentar um homem depois de embaraçar as patas num papel viscoso destinado a apanhar moscas!”

pés a marca do andarilho! Ainda bem que o sagrado Himalaia apresenta extensão bastante para o entreter".

- Muitas vezes - prosseguiu Keshabananda - Lahiri Mahasaya apareceu fisicamente diante de mim, tanto antes como depois da sua morte. Para ele, nenhum pico do Himalaia é inacessível!

Duas horas depois, conduziu-nos a um pátio, para o jantar. Suspirei, em silencioso terror! Mais uma refeição de quinze pratos! Menos de um ano de hospitalidade indiana e eu ganhara mais de 22 quilos! Entretanto, teria sido considerado o cúmulo da descortesia se eu recusasse qualquer dos pratos cuidadosamente preparados, nos intermináveis banquetes em minha honra. Na Índia (em nenhuma outra região, infelizmente!) um **swami** bem acolchoado em sua gordura é um espectáculo que não provoca sorrisos de mofa.

Após o jantar, Kesbabananda conduziu-me a um recanto isolado.

- A sua chegada não foi imprevista - disse ele. - Tenho uma mensagem para si.

Fiquei surpreendido; eu não falara a ninguém sobre os meus planos de visitar Keshabananda.

- Vagando, o ano passado, pelo Himalaia, na parte norte da cordilheira, perto de Badrinarayan - continuou o **swami** - perdi o rumo. Encontrei abrigo numa espaçosa gruta que estava vazia, apesar de estarem a reluzir umas brasas num orifício cavado no chão da rocha. Enquanto me perguntava quem seria o ocupante daquele retiro solitário, sentei-me perto do fogo, com o olhar fixo na abertura ensolarada da caverna.

- Keshabananda, alegro-me por estar aqui! - Estas palavras vieram detrás de mim. Voltei-me, com espanto, e fiquei ofuscado ao contemplar Babaji! O grande guru materializara-se no recesso da gruta. Transbordando de júbilo por vê-lo outra vez, depois de tantos anos, prostrei-me aos seus pés sagrados.

- Chamei-o aqui - prosseguiu Babaji. - Por isso perdeu-se pelo caminho e foi conduzido à minha residência temporária nesta caverna! Longo tempo se passou desde o nosso último encontro; tenho o prazer de cumprimentá-lo mais uma vez!

O imperecível mestre abençoou-me com algumas palavras de ajuda espiritual; depois, acrescentou: - Deixo consigo uma mensagem para o Yogananda! Ele virá visitá-lo quando voltar à Índia. Muitos assuntos relacionados com o seu guru Yukteswar e com os outros discípulos ainda vivos de Lahiri manterão Yogananda inteiramente ocupado. Diga-lhe, então, que não o verei desta vez, como ele, ansiosamente, espera; vê-lo-ei, porém, em outra ocasião!

Comoveu-me profundamente receber dos lábios de Keshabananda esta consoladora promessa de Babaji. Certa mágoa em meu coração desapareceu; não me lamentei mais por Babaji não haver aparecido na **Kumbha Mela** como, aliás, Sri Yukteswar insinuara!

Passando uma noite como hóspedes do **ashram**, o nosso grupo partiu na tarde seguinte para Calcutá. Ao cruzar uma ponte sobre o rio Jumna, apreciámos uma vista magnífica do perfil de Brindaban contra o céu, no exacto momento em que o Sol

incendiava o horizonte - uma rubra fornalha de Vulcano, reflectida a nossos pés, nas águas serenas.

Reminiscências do menino Sri Krishna santificam a praia do Jumna. Aqui, ele entretinha-se, com inocente doçura, em seu **lilas** (jogos) com as **gopis** (donzelas), exemplificando o amor sobrenatural que eternamente existe entre uma encarnação divina e os seus devotos. A vida do Senhor Krishna tem sido mal compreendida por muitos narradores do Ocidente; as alegorias das Escrituras são desnorteantes para as mentes que as tomam ao pé da letra. Hilariante equívoco de um tradutor ilustrará este ponto. A história refere-se ao inspirado santo medieval: o sapateiro Ravidas; na linguagem simples da sua profissão, ele cantou a glória espiritual oculta em toda a humanidade:

"Sob a vasta abóbada azul vive a divindade, vestida de couro cru."

Voltamo-nos de lado para esconder um sorriso ao ouvir a prosaica interpretação dada ao poema de Ravidas por um escritor ocidental:

"Depois construiu uma choça, nela colocou um ídolo que ele mesmo fez, aproveitando um pedaço de couro, e pôs-se a adorá-lo."

Ravidas foi um condiscípulo do grande Kabir. Um dos mais adiantados **chelas** de Ravidas foi Rani (Princesa) de Chitor. Ela convidou um grande número de brâmanes para uma festa em honra do seu instrutor, mas eles recusaram comer com um modesto sapateiro. Quando, à distância, cheios de dignidade, se sentavam, os nascidos da mais alta casta, para comer a sua refeição incontaminada: surpresa! Cada brâmane encontrou ao seu lado a forma de Ravidas. Esta visão em massa provocou um renascimento espiritual de ampla difusão em Chitor.

Em pouco dias, o nosso pequeno grupo chegou a Calcutá. Ansioso por ver Sri Yukteswar, fiquei desapontado ao saber que ele deixara Serampore e estava agora em Puri, cerca de 483 quilómetros ao sul.

"Vem ao **ashram** de Puri, imediatamente."- Este telegrama foi enviado por um condiscípulo, em 8 de Março, para Atul Chandra Roy Chowdhry, um dos **chelas** do Mestre em Calcutá. Chegou aos meus ouvidos a notícia de que Atul recebera essa mensagem; angustiado por suposições, caí de joelhos e implorei a Deus que poupasse a vida do meu guru. Quando eu estava para deixar a casa do Papá a fim de apanhar o comboio, uma Voz Divina falou dentro de mim.

"Não vá a Puri esta noite. A sua prece não pode ser atendida!"

- Senhor! - Disse eu, estarrecido e magoado sob este golpe! - Tu não queres que sejamos antagonistas em Puri, onde terás de dizer "não" às minhas preces incessantes pela vida do Mestre! Deve ele, então, partir para deveres mais altos, por ordem Tua?!

Em obediência à ordem interna, não parti naquela noite para Puri. No crepúsculo da tarde seguinte, saí para apanhar o comboio; enquanto caminhava, às dezenove horas, uma negra nuvem astral cobriu, repentinamente, o céu[42]. Mais tarde, durante a ruidosa

---

[42] O meu **guru** entrou em **mahasamadhi** naquela hora**:** sete da tarde, de 9 de Março de **1936.**

viagem de comboio em direcção a Puri, uma visão de Sri Yukteswar apareceu à minha frente. Estava sentado, de semblante muito grave e com uma luz de cada lado.

- Tudo terminou?! - Ergui os meus braços, em súplica.

Ele assentiu, inclinando a cabeça, e depois lentamente desapareceu.

Ao descer na plataforma da estação de Puri, na manhã seguinte, ainda à espera, contra toda esperança, vi um desconhecido aproximar-se de mim**...**

- Já soube que o seu Mestre se foi? - E afastou-se, sem dizer mais nada! Nunca descobri quem era nem como soube onde me encontrar!

Atordoado, cambaleando com tonturas, apoiei-me contra a parede da plataforma, compreendendo que, por diversos meios, o meu guru estava a tentar transmitir-me a devastadora notícia. Fervendo de rebeldia, a minha alma era um vulcão. Quando cheguei ao eremitério de Puri, achava-me à beira de um colapso. A Voz Interna repetia com ternura: -Concentra-te! Acalma-te!"

Entrei no quarto do **ashram** onde o corpo do Mestre, sentado na posição de lótus, parecia incrivelmente vivo - uma personificação da saúde e do encanto pessoal. Pouco tempo antes do último transe, o meu guru estivera ligeiramente enfermo, com febre, mas na véspera da ascensão para o Infinito, o seu corpo recuperara inteiramente a saúde. Por mais que eu contemplasse a sua adorada forma, não me podia convencer de que a sua vida já não estava ali. A sua pele era lisa e suave; a face tinha uma expressão beatífica de tranquilidade. Abandonara conscientemente o corpo na hora do místico chamado.

- O Leão de Bengala partiu! - gritei, aturdido.

Em 10 de Março, dirigi a solene cerimónia fúnebre. Sri Yukteswar foi sepultado[43] de acordo com o antigo ritual dos **swamis** no jardim do seu **ashram** em Puri. Dias depois, os seus discípulos chegaram, de todas as distâncias, a fim de prestar honras ao guru, num ofício religioso em sua memória, no equinócio de Verão. **Amrita Bazar Patrika**, o jornal mais importante de Calcutá, publicou o seu retrato e a seguinte notícia:

"A cerimónia fúnebre Bhandara para Srimat Swami Sri Yukteswar Giri Marajá, de oitenta anos, verificou-se em Puri em 21 de Março. Muitos discípulos foram a Puri para assistir aos ritos.

"Um dos mais notáveis intérpretes do **Bhagavad Gita**, Swami Marajá foi um grande discípulo de Yogiraj Sri Shyama Charan Lahiri Mahasaya, de Benares. Swami Marajá fundou diversos centros **Yogoda Sat-Sanga** (**Self-Realization Fellowship**) na Índia e foi o grande inspirador do movimento de ioga levado ao Ocidente por Swami Yogananda, o seu principal discípulo. Foram os poderes proféticos de Sri Yukteswar e a sua profunda experiência de Deus que inspiraram Swami Yogananda a cruzar os oceanos e a divulgar na América a mensagem dos mestres da Índia.

---

[43] Os costumes funerários na Índia exigem a cremação para os chefes de família; **swamis** e monges de outras Ordens não são cremados, mas enterrados. (Há excepções ocasionais). Quando o monge professa os votos monásticos, considera-se que o seu corpo foi cremado simbolicamente no fogo da sabedoria.

“A interpretação do **Bhagavad Gita** e a de outras Escrituras por Sri Yukteswar testemunham com que profundeza ele dominava a filosofia, tanto oriental como ocidental; são um aperitivo, um brinde erguido à harmonia entre Oriente e Ocidente. Acreditando na unidade de todas as religiões, Sri Yukteswar Marajá estabeleceu o **Sadhu Sabha** (Sociedade de Santos) com a cooperação de chefes de várias seitas e credos, para a difusão do espírito científico em matéria religiosa. Na época da sua partida deste mundo, ele nomeou Swami Yogananda, seu sucessor, como presidente da **Sadhu Sabha**.

“A Índia está hoje, realmente, mais pobre com o desaparecimento de um homem tão notável. Oxalá todos os que tiveram a fortuna de aproximar-se dele se compenetrem do verdadeiro espírito do **sadhana** e da cultura hindus que ele personificou. “

Regressei a Calcutá. Não confiando em mim mesmo, ainda, para ir ao eremitério de Serampore e defrontar-me com as suas sagradas recordações, fiz vir de lá o pequeno discípulo de Sri Yukteswar, Prafulla, e tomei as providências para a sua entrada na escola de Ranchi.

- Na manhã em que o senhor partiu para a **mela** de Allahabad -- contou-me Prafulla - o Mestre tombou pesadamente no sofá**:**

“O Yogananda partiu!”- Gritou ele - “O Yogananda partiu! “- E acrescentou enigmaticamente: “Terei de informá-lo, de alguma forma!” A seguir, sentou-se durante horas, em silêncio.

Os meus dias foram preenchidos por conferências, aulas, entrevistas e reuniões com velhos amigos. Sob um sorriso forçado e uma vida de incessante actividade, um afluente de enlutados pensamentos poluía o íntimo rio da beatitude que, durante tantos anos, se espraiara em meandros, sob as areias de todas as minhas percepções.

- Para onde foi aquele sábio divino?! - gritava eu, silenciosamente, das profundezas do meu espírito atormentado. Nenhuma resposta chegava!

- O Mestre completou a sua união com o Bem-Amado Cósmico; melhor para ele! - A mente garantia-me. - Ele vive no resplendor eterno, no reino da imortalidade!

- Nunca mais poderás vê-lo na antiga morada de Serampore! - Lamentava-se o meu coração. - Não mais poderás trazer os teus amigos para conhecê-lo, nem dizer com orgulho: “Contemplem, senta-se ali o **Jnanavatar** da Índia!

O sr. Wright providenciou os documentos a fim de que a partida do nosso grupo, de Bombaim para o Ocidente, se desse no início de Junho. Em Calcutá, a última quinzena de Maio, decorreu entre discursos e banquetes de despedida; a seguir, a srta. Bletch, o sr. Wright e eu partimos para Bombaim em nosso Ford. Ao chegarmos, as autoridades do navio pediram-nos o cancelamento das passagens, pois já não havia lugar para o Ford, do qual necessitaríamos novamente na Europa.

- Não tem importância! - Disse eu, acabrunhado, ao sr. Wright. “Quero voltar a Puri!”. - E silenciosamente agreguei: “Que as minhas lágrimas reguem mais uma vez a sepultura do meu guru!”

Capítulo 43 - A ressurreição de Sri Yukteswar

Senhor Krishna! - A gloriosa forma do avatar apareceu-me num resplendor intenso, quando me encontrava no Hotel Regente, em Bombaim, sentado no meu quarto. Fulgurando sobre o telhado de um alto edifício, do outro lado da rua, a inefável visão manifestou-se repentinamente, enquanto eu contemplava a paisagem pela janela do segundo andar, há longo tempo aberta.

A divina figura acenou-me com a mão, sorrindo e inclinando a cabeça em cumprimento. Depois, como eu não pudesse compreender a exacta mensagem do Senhor Krishna, ele partiu com um gesto de bênção. Maravilhosamente elevado, senti que a aparição era o presságio de algum evento espiritual.

A minha viagem ao Ocidente fora, provisoriamente, cancelada. Comprometera-me a fazer diversas conferências em Bombaim, antes de partir em nova visita a Bengala.

Sentado no meu leito no hotel de Bombaim, às três horas da tarde de 19 de Junho de 1936 - uma semana após a visão de Krishna -- fui interrompido em minha meditação por uma luz beatífica. Ante os meus olhos abertos e atónitos, o quarto inteiro transformou-se num mundo estranho; a luz do sol transmutava-se num esplendor sobrenatural.

Sentindo-me arrebatado em ondas de êxtase, contemplei a figura de Sri Yukteswar, em carne e osso!

“Meu filho! - exclamou o Mestre com ternura e um sorriso de anjo sedutor.

Pela primeira vez em minha vida, não me ajoelhei aos seus pés para o saudar, mas avancei, no mesmo instante, para o apertar em meus braços, avidamente. Momento divino! A angústia dos meses anteriores extinguiu-se, fez-se imponderável, se comparada à beatitude torrencial que me inundou então.

- Mestre meu, bem-amado do meu coração, porque me deixou?! -- Atribuo esta incoerência ao meu excesso de alegria! - Porque permitiu que eu fosse a **Kumbha Mela**?! Com que amargura me venho recriminando por me haver afastado da sua presença!

“Eu não quis interferir! Tu andavas tão feliz com a tua expectativa de conhecer o local de peregrinação onde encontrei Babaji pela primeira vez. Deixei-te apenas por breve momento; não estou contigo de novo?

- Mas é o senhor de verdade, Mestre?! O mesmo Leão de Deus?! Está a usar um corpo igual ao que enterrei sob as cruéis areias de Puri?!

“Sim, meu filho! Sou eu mesmo! Este é um corpo de carne e osso! Embora eu o veja como etéreo, para a tua visão é físico. Com os átomos cósmicos, criei uma forma

inteiramente nova, exactamente igual ao *corpo físico de sonho cósmico* que tu depositaste sob as *areias de sonho* de Puri, no teu *mundo de sonho*. Na verdade, ressuscitei - não na Terra, mas num planeta astral. Os seus habitantes estão mais bem capacitados do que a humanidade terrena para seguir os meus elevados padrões espirituais. Tu, Yogananda, e os teus entes queridos, os que alcançaram o êxtase, para lá irão algum dia; estaremos todos juntos!

- Imortal guru, conte-me ainda mais!

O Mestre teve um riso breve, cheio de jovialidade. - Por favor, querido - disse ele - não queres afrouxar um pouco o teu abraço?

- Só um pouquinho! – Eu estivera a abraçá-lo com uma pressão de polvo. Percebi o mesmo débil, aromático e natural odor que fora característico do seu corpo terreno. O emocionante contacto da sua carne divina ainda persiste nas faces internas dos meus braços e nas palmas das mãos, sempre que relembro aquelas horas gloriosas.

"Como os profetas são enviados à Terra para ajudar os homens a esgotarem o seu carma físico, assim Deus enviou-me a um planeta astral com a missão de salvador - explicou Sri Yukteswar. - Esse globo chama-se **Hiranyaloka** ou "Planeta Astral Iluminado". Lá, estou a auxiliar seres adiantados a desembaraçarem-se do seu carma astral e a libertarem-se, portanto, dos renascimentos astrais. Os residentes em **Hiranyaloka** têm elevado desenvolvimento espiritual; todos adquiriram, na sua última encarnação terrestre, o poder, conferido pela meditação, de abandonar conscientemente o corpo na hora da morte. Ninguém poderá entrar em **Hiranyaloka,** se não tiver experimentado na Terra, não apenas **savikalpa samadhi**, mas também o estado superior de êxtase, **nirvikalpa samadhi**[44].

"Os habitantes de **Hiranyaloka** já ultrapassaram as esferas astrais ordinárias para onde quase todas as pessoas da Terra devem ir ao morrer; nelas destruíram muitas sementes cármicas relativas às suas acções passadas no mundo astral. Apenas os devotos adiantados realizam com eficiência esse trabalho redentor nas esferas astrais[45]. Então, a fim de livrarem inteiramente a sua alma de todos os traços de carma astral, a lei cósmica impeliu estas criaturas, de aspiração mais alta, a renascerem em novos corpos astrais em **Hiranyaloka**, o céu ou sol astral, onde me encontro para os ajudar. Vivem também em **Hiranyaloka** seres quase perfeitos vindos do mundo causal superior."

A minha mente encontrava-se, a essa altura, em tão perfeita sintonização com a do meu guru, que ele me comunicava as suas imagens-palavras, em parte através da linguagem e em parte pela transmissão de pensamento. Assim, eu recebia, rapidamente, os seus tablóides de idéias.

---

[44] Ver capítulo 26. Em **savikalpa samadhi** alcançou a realização da sua unidade com o Espírito, mas não pode manter a sua consciência cósmica, excepto no imóvel estado de transe. A meditação incessante permite-lhe atingir o estado superior de **nirvikalpa samadhi;** então, move-se livremente no mundo sem perder a percepção de Deus.
Em **nirvikalpa samadhi,** o iogue dissolve os últimos vestígios do seu carma material ou terreno. Contudo, ainda pode possuir um certo carma astral e causal para esgotar e, por isso, reveste-se de corpo astral, e depois de causal, em esferas da mais elevada vibração.

[45] Porque numerosas criaturas, gozando da beleza do mundo astral, nenhuma necessidade sentem de entregar- se a um esforço espiritual mais severo.

“Tu leste nas Escrituras - continuou o Mestre - que Deus encerrou a alma humana em três corpos, sucessivamente: o corpo causal ou das ideias; o subtil corpo astral, sede das naturezas mental e emocional do homem; e o grosseiro corpo material. Na Terra, o homem está equipado com os sentidos físicos. Um ser astral age através da sua consciência e dos seus sentimentos e ainda de um corpo feito de vitatrões[46]. Um ser em corpo causal paira no beatifico reino das ideias. O meu trabalho relaciona-se com aqueles seres astrais que se estão a preparar para entrar no mundo causal.

- Mestre adorável, por favor, fale-me ainda mais sobre o cosmos astral. - Embora eu tivesse afrouxado um pouco o meu abraço a pedido de Sri Yukteswar, os meus braços ainda continuavam a rodeá-lo. Tesouro acima de todos os tesouros, o meu guru rira-se da Morte para chegar até mim!

“Existe uma infinidade de esferas astrais, fervilhantes de seres. - Começou o Mestre. – Os seus habitantes usam veículos astrais, ou massas de luz, para viajar de um a outro planeta - mais depressa do que as energias eléctricas ou radioativas.

“O universo astral, composto de diversas vibrações subtis de luz e calor, é centenas de vezes maior do que o cosmos material. A criação física inteira, como sólida barquinha, está dependurada do gigantesco aeróstato luminoso que é a esfera astral. Assim como numerosos sóis e estrelas físicas vagam pelo espaço, existem também, no astral, incontáveis sistemas solares e estelares. Os seus planetas contam com sóis e luas mais belos do que os físicos. Os luminares astrais parecem-se com as auroras boreais - a aurora do sol astral deslumbra mais do que os ténues raios do despontar da lua astral. E dias e noites são muito mais longos do que os da Terra.

“O universo astral é, pois, infinitamente belo, limpo, puro e ordenado. Não existem planetas mortos nem terrenos estéreis. Os defeitos, lamentados na Terra, lá, estão ausentes: ervas daninhas, bactérias, insectos, serpentes. Ao contrário das estações e climas variáveis do globo terrestre, os planetas astrais mantêm uma temperatura uniforme de eterna primavera, caindo, às vezes, neve de luminosa alvura e chuvas de luz multicolorida. Ali, sobejam lagos opalinos, mares rebrilhantes e rios com os matizes do arco-íris.

“O universo astral ordinário - não o céu subtilíssimo de **Hiranyaloka** - é povoado por milhões de seres astrais, vindos, mais ou menos, recentemente da Terra; e também por míríades de fadas, sereias, peixes, animais, duendes, gnomos, semideuses e espíritos, todos residindo em diferentes planetas astrais, de acordo com as suas qualificações cármicas. Reservam-se várias moradas planetárias ou regiões vibratórias para os espíritos bons e maus. Os bons podem viajar livremente, mas as entidades prejudiciais estão confinadas a zonas restritas. Aqui, os seres humanos vivem na superfície da terra, os vermes no interior do solo, os peixes na água e os pássaros no ar; alí, também os seres astrais encaminham-se para as regiões vibratórias adequadas aos seus diferentes estágios de evolução.

---

[46] Sri Yukteswar usou a palavra **prana;** para a traduzir, criei a palavra “vitatrões”. As Escrituras hindus mencionam o **anu**, “átomo”; o **paramanu,** “além do átomo”, energias electrónicas mais refinadas; e o **prana,** “força criadora vitatónica”. Os átomos e electrões são forças cegas; o **prana** dispõe de inteligência inerente. Por exemplo, **prana**, ou vitatrões, nos espermatozóídes e óvulos, dirige o desenvolvimento do embrião, de acordo com um traçado cármico.

“Entre sombrios anjos caídos, expulsos de outros mundos, surgem atritos e declaram-se guerras com bombas “vitatrónicas” ou raios vibratórios da mente, **mântricos**[47]. Estes marginais habitam regiões de trevas densas, no cosmo astral inferior, saldando as dívidas do seu mau carma.

“Em vastos reinos acima da lúgubre penitenciária astral, tudo é resplandecente e formoso. O cosmos subtil, pela sua natureza, acha-se mais sintonizado com a vontade de Deus e com o Seu plano de perfeição que a Terra. Todo o objecto astral manifesta-se, primordialmente, pela vontade declarada dos seres astrais. Estes possuem o poder de modificar ou realçar a graça e a forma de qualquer objecto já criado pelo Senhor. Aos Seus filhos astrais, Ele deu a liberdade e o privilégio para modificar ou aperfeiçoar, à vontade, o cosmos astral. Na Terra, para transformar um sólido em líquido ou alterar-lhe a forma, é preciso submetê-lo aos processos físicos ou químicos, enquanto os sólidos astrais são convertidos em líquidos, gases ou energia atómica astrais, apenas e instantaneamente, pela vontade dos seus habitantes.

“A Terra mergulha nas sombras das guerras e dos assassínios, nos continentes, mares e no ar - continuou o meu guru. - Nos domínios astrais, porém, observa-se uma igualdade e harmonia felizes. Os seres astrais desmaterializam as suas formas e voltam a materializá-las, à vontade. Flores, peixes ou outros animais podem metamorfosear-se temporariamente em homens astrais. Todos os seres do astral são livres para assumir qualquer forma e podem facilmente conversar entre si. Nenhuma lei natural, fixa, definitiva, os limita: a qualquer árvore astral pode-se pedir, por exemplo, que produza mangas astrais, flores ou, separadamente, qualquer outro objecto, com êxito. Existem certas restrições cármicas, contudo, nenhuma distinção se faz, no mundo astral, quanto ao desejo de possuir esta ou aquela forma. Tudo vibra com a luz criadora de Deus.

“Ninguém nasce de mulher; seres astrais, por meio da sua vontade cósmica, materializam a sua prole em formas expressivamente esculpidas, astralmente condensadas. Quem recentemente desencarnou no mundo físico integra-se numa família astral por convite, atraída por tendências mentais e espirituais semelhantes.

“O corpo astral não está sujeito ao frio e calor ou a outras condições da natureza. A sua anatomia inclui um cérebro astral ou o “lótus de mil pétalas de luz” e seis centros despertos no **sushumna** ou eixo astral cerebrospinal. Do cérebro astral, o coração retira energia cósmica e luz, enviando-as aos nervos astrais e às células do corpo astral ou “vitatrões”. Os seres astrais podem alterar as suas formas por energia “vitatrónica” ou por santas vibrações **mântricas**.

“Em muitos casos, o corpo astral é uma cópia exacta da última forma física. A face e a figura de uma pessoa astral assemelham-se às que possuía durante a mocidade em sua última jornada terrena. Às vezes, alguém, como eu, prefere conservar a aparência que tinha em sua velhice”. - O Mestre, a quintessência da juventude, riu-se jovialmente.

---

[47] O adjectivo de **mantra,** som cantado, semente de outros, um projéctil disparado pela arma mental da concentração. Os **Puranas** (antigos **shastras** ou tratados) descrevem guerras **mântricas** entre **devas** e **asuras** (deuses e demónios). Um **asura** tentou, certa vez, assassinar um **deva** com um poderoso canto mas, devido à pronúncia incorrecta, a bomba mental agiu como bumerangue e matou o demónio.

“Ao contrário do mundo físico tridimensional, só conhecido por meio dos cinco sentidos, as esferas astrais são perceptíveis ao sexto sentido, a intuição, que inclui os demais. Os seres astrais vêem, escutam, cheiram, saboreiam e apalpam por meio da multisciente sensação intuitiva. Possuem três olhos, dois dos quais parcialmente fechados. O terceiro e principal olho, verticalmente colocado na testa, está aberto. Os seres astrais têm todos os órgãos externos dos sentidos - olhos, ouvidos, nariz, língua e pele - mas empregam o sentido da intuição para experimentar sensações através de qualquer parte do corpo; podem ver por meio do ouvido, do nariz ou da pele, escutar pelos olhos ou pela língua, saborear através dos ouvidos ou da pele e assim por diante[48].

“O corpo físico do homem encontra-se exposto a inúmeros perigos e facilmente se aleija ou se mutila; o etéreo corpo astral pode, às vezes, ser cortado ou esmagado, mas cura-se instantaneamente por mera expressão da vontade.”

- Gurudeva, todas as pessoas astrais são belas?

- A beleza no mundo astral é uma qualidade do espírito e não se aquilata pela conformação exterior - respondeu Sri Yukteswar. - Os seres astrais, por isso, atribuem pouca importância às feições. Eles têm o privilégio, entretanto, de revestirem-se, à vontade, de corpos astralmente materializados, novos e coloridos. Assim como os homens mundanos envergam novo traje para acontecimentos de gala, também as pessoas etéreas encontram oportunidade de adornar-se com formas esculturais.

“Festas de regozijo nos planetas astrais superiores, como **Hiranyaloka**, ocorrem quando um ser, pelo seu adiantamento espiritual, se liberta do mundo astral e se acha preparado, desta forma, para ingressar no céu do mundo causal. Nessas ocasiões, o Pai Celestíal Invisível e os santos n'Ele imersos, materializam-se em corpos da Sua própria escolha e participam das celebrações astrais. Para agradar ao Seu devoto bem-amado, o Senhor assume a forma sob a qual este mais O adora. A quem O cultuou com devoção, Deus aparece como Divina Mãe. Para Jesus, o aspecto do Pai Infinito ultrapassava todas as demais concepções. A individualidade conferida pelo Criador a cada uma das Suas criaturas faz com que todo o tipo de demanda, concebível ou inconcebível, ponha à mostra a versatilidade do Senhor! “- O meu guru e eu rimo-nos felizes.

“Amigos de vidas passadas facilmente se reconhecem uns aos outros no mundo astral - continuou Sri Yukteswar, em sua encantadora voz de flauta. Rejubilando-se com o carácter imortal da amizade, eles experimentam a indestrutibilidade do amor, de que, tantas vezes, se duvidou, na hora das tristes e ilusórias separações na Terra.

“A intuição dos seres astrais perfura o véu e observa as actividades humanas na Terra; o homem, ao contrário, não pode ver o mundo astral, a menos que o seu sexto sentido esteja desenvolvido. Milhares de habitantes da Terra vislumbraram, momentaneamente, um ser astral ou um mundo astral[49].

---

[48] Não faltam exemplos de tais poderes na Terra, como no caso de Helen Keller e de outras criaturas.
[49] Na Terra, crianças de mente pura são, às vezes, capazes de ver os graciosos corpos astrais das fadas.
Por meio de drogas ou bebidas tóxicas, cujo uso é proibido por todas as Escritudas, um homem pode transtornar a sua consciência a ponto de perceber formas hediondas nos infernos astrais.

“Os residentes adiantados de **Hiranyaloka** permanecem, em geral, despertos em êxtase durante os longos dias e noites astrais, ajudando a resolver problemas intricados de governo cósmico e de redenção de filhos pródigos, almas apegadas à Terra. Quando os seres de **Hiranyaloka** dormem têm, às vezes, visões astrais semelhantes ao sonho. As suas mentes, como lhes é habitual, estão absortas no estado consciente da mais elevada beatitude **nirvikalpa**.

“Os habitantes de todas as regiões dos mundos astrais ainda estão sujeitos a agonias mentais. As mentes hipersensíveis dos seres mais adiantados, em planetas como **Hiranyaloka**, sentem dor aguda se algum erro é cometido de percepção da verdade ou de conduta. Estes seres mais evoluídos esforçam-se para harmonizar cada um dos seus pensamentos e actos com a perfeição da lei espiritual.

“As comunicações entre os habitantes astrais efectuam-se inteiramente por telepatia e televisão astrais. Naquele lugar, desconhecem-se a confusão e a incompreensão oriundas da palavra oral e escrita que os moradores da Terra são obrigados a suportar. Exactamente como os homens numa tela de cinema parecem mover-se e participar de actividades ao longo de uma série de cenas luminosas, sem respirar de verdade, também os habitantes do mundo astral andam e trabalham como imagens de luz, inteligentemente guiadas e coordenadas, sem necessidade de retirar forças do oxigénio. O homem depende de sólidos, líquidos, gases e energia para a sua subsistência; os moradores do astral alimentam-se principalmente de luz cósmica.”

- Mestre meu, os seres astrais comem alguma outra substância?

Eu sorvia os seus maravilhosos esclarecimentos com a receptividade de todas as minhas faculdades - mente, coração e alma. As percepções superconscientes da verdade são permanentemente reais e imutáveis, enquanto as experiências e impressões fugazes dos sentidos são apenas temporária e relativamente verdadeiras; a memória que delas o homem conserva logo perde a vivacidade. As palavras do meu guru imprimiram-se de modo tão indelével no pergaminho do meu ser que, a qualquer momento, transferindo a minha mente para o estado de superconsciência, posso reviver com nitidez a divina experiência.

“Legumes de tessitura luminosa são abundantes nos solos astrais - respondeu ele. - Os moradores do mundo astral consomem vegetais e bebem o néctar que jorra de gloriosas fontes de luz e que flui nos regatos e rios astrais. Exactamente como na Terra é possível extrair do éter as imagens invisíveis dos homens, torná-las visíveis por meio de um aparelho de televisão e, posteriormente, dissolvê-las de novo no espaço, assim também os invisíveis projectos estruturais de plantas e legumes, criados por Deus e flutuantes no éter, condensam-se num planeta astral pela vontade dos seus habitantes. Do mesmo modo, nascidos da fantasia insubmissa destes seres, jardins inteiros de perfumada flora materializam-se para retornar mais tarde à invisibilidade etérea. Se os moradores de planetas celestiais, como **Hiranyaloka**, estão quase livres da necessidade de comer, ainda mais excelsa é a existência incondicionada de almas quase completamente livres no mundo causal, cujo único alimento é o maná da bem-aventurança.

“Um ser astral liberto da Terra encontra-se com uma multidão de parentes, pais, mães, esposas, maridos e amigos, havidos em diferentes encarnações na Terra[50], à medida que essas criaturas regressam, de tempos em tempos, a várias regiões do cosmos astral. Por isso, sente-se confuso ao tentar saber a quem amar especialmente; aprende assim a dedicar amor divino, e igualmente a todos, como filhos e expressões individualizadas de Deus. Embora a aparência externa dos seres queridos possa haver mudado, menos ou mais, de acordo com o desenvolvimento de novas qualidades na última vida, o ser astral emprega a sua infalível intuição para reconhecer todos aqueles que alguma vez amou, em outros planos da existência, para os receber com alegria ao chegarem ao seu novo lar astral. Em virtude de cada átomo na criação estar dotado de individualidade inextinguível[51], um amigo astral será reconhecido, seja qual for o traje de que se revista, assim como na Terra se descobre, observando-se atentamente, a identidade de um actor, apesar da caracterização que o disfarça.

“O espaço de tempo em que um ser se demora no mundo astral é mais longo do que na Terra. Em média, o período de vida de um ser astral adiantado é de quinhentos a mil anos, medido segundo os padrões de tempo terreno. Determinadas sequóias sobrevivem à maioria das árvores durante milénios; certos iogues vivem várias centenas de anos, embora a maior parte faleça aos sessenta anos; alguns seres astrais ultrapassam o período médio de vida astral. Os visitantes do mundo astral nele residem por períodos mais curtos ou mais prolongados de acordo com o peso do seu carma físico que os atrai de regresso à Terra dentro de um prazo específico.

“O ser astral não tem de lutar dolorosamente contra a morte, no momento de desprender-se do seu corpo luminoso. Muitos, não obstante, sentem-se um pouco nervosos à ideia de despojarem-se do invólucro astral para continuarem apenas com o mais subtil, o causal. O mundo astral acha-se livre da morte, da doença e da velhice indesejável - três pavores que são a maldição da Terra, onde o homem permitiu à sua consciência identificar-se quase inteiramente com um frágil corpo físico, exigindo o socorro constante do ar, do alimento e do sono a fim de subsistir.

“A morte física caracteriza-se pelo desaparecimento da respiração e pela desintegração das células orgânicas. A morte astral consiste na dispersão dos vitatrões, unidades de energia de que depende a vida dos seres astrais. Na morte física, o homem perde consciência carnal e torna-se cônscio do seu corpo subtil no mundo astral. Experimentando a morte astral, a seu devido tempo, um ser passa, da consciência de nascimento e morte astrais, à de nascimento e morte físicos. Estes ciclos periódicos de alojamentos astrais e físicos constituem o destino inelutável de todos os seres não-iluminados. Conceitos de céu e inferno nas Escrituras, às vezes, despertam no homem memórias da sua longa série de experiências no agradável reino astral e no decepcionante mundo terrestre, revolvendo arquivos mais profundos do que a subconsciência. “

---

[50] Perguntaram, certa vez, ao Senhor Buda, porque deveria o homem amar todas as pessoas igualmente. “Porque - respondeu o grande instrutor - nos numerosíssimos e diversificados períodos de vida de cada homem, toda a criatura lhe foi, nesta ou naquela época, muito querida.”

[51] As oito qualidades elementares que participam de toda vida criada, desde os átomos até ao homem, são: terra, água, fogo, ar, éter, movimento, mente e individualidade. (**Bhagavad-Gita**, 7:4).

- Bem-amado Mestre - supliquei - pode descrever com maiores detalhes a diferença entre renascimento na Terra e renascimento nas esferas astrais e causais?

"O homem, enquanto alma individualizada, tem um corpo essencialmente causal - explicou Sri Yukteswar. - Esse corpo é a matriz das 35 ideias concebidas por Deus, forças de pensamento causal, fundamentais para que, delas, Ele pudesse formar posteriormente o subtil corpo astral, de 19 elementos, e o denso corpo físico, de 16.

"Os 19 integrantes do corpo astral são mentais, emocionais e vitatrónicos. São eles: inteligência; ego; sentimento; mente (consciência dos sentidos); cinco instrumentos de **conhecimento**, réplicas subtis dos sentidos da visão, audição, olfacto, paladar e tacto; cinco instrumentos de **acção**, correspondentes mentais das capacidades executivas de procriar, excretar, falar, caminhar e executar actividade manual; e cinco instrumentos de **força vital**, com poder de realizar as funções orgânicas de cristalização, assimilação, eliminação, metabolismo e circulação do sangue. Este subtil envoltório astral de 19 elementos sobrevive à morte do corpo físico, composto de 16 elementos metálicos e não-metálicos.

"Deus concebeu diferentes ideias dentro de Si mesmo e na tela de Seus sonhos fez a projecção delas. Assim nasceu **Maya**, a Sonhadora Cósmica, gigantesca e interminavelmente ataviada com os seus ornamentos de relatividade.

"As 35 categorias ideativas do corpo causal encerram, elaboradas por Deus, todas as complexidades das suas 19 réplicas astrais e 16 físicas. Pela condensação de forças vibratórias, a princípio subtis e depois grosseiras, Ele produziu o corpo astral e finalmente a forma física do homem. De acordo com a lei da relatividade, segundo a qual a Simplicidade Prístina veio a ser desconcertante multiplicidade: o cosmos e corpo causais são diferentes do cosmos e corpo astrais; o cosmos e corpo físicos, igualmente, diferem, em suas características, daquelas outras formas de criação.

"O corpo carnal é feito de sonhos materializados, solidificados, do Criador. As dualidades caracterizam sempre a vida na Terra: saúde e doença, prazer e dor, ganho e perda. Os seres humanos encontram limitação e resistência na matéria tridimensional. Quando a doença ou causas diversas abalam severamente o desejo de viver, intervém a morte; cai no chão, temporariamente, o pesado sobretudo da carne. A alma, porém, continua aprisionada nos corpos astral e causal[52]. A força de coesão que mantém unidos os três corpos é o desejo. O poder dos desejos não realizados é a raiz de toda a escravidão do homem.

"Os desejos físicos radicam-se no egoísmo e nos prazeres dos sentidos. A compulsão ou tentação da experiência sensorial é mais poderosa do que a força do desejo referente a apegos astrais e percepções causais.

"Os desejos astrais concentram-se em prazeres de tipo vibratório. Os seres astrais deliciam-se com a música etérea das esferas e extasiam-se com a visão do universo inteiro criado como expressão inesgotável de luz cambiante. Também cheiram, saboreiam e tocam a luz. Assim, os seus desejos relacionam-se com o seu poder de

---

[52] Corpo significa qualquer alojamento da alma, seja grosseiro ou subtil. Os três corpos são gaiolas para a Ave do Paraíso.

condensar todos os objectos e experiências em formas de luz ou pensamentos condensados ou até mesmo sonhos.

“Os desejos causais são realizações do intelecto. Os seres, quase livres, alojados apenas no corpo causal, vêem o cosmos inteiro como projecções das ideias - sonhos de Deus; tudo experimentam em puríssimo pensamento. Consideram o gozo de sensações físicas e deleites astrais, por isso, grosseiros e sufocantes para a requintada sensibilidade da alma. Os seres causais realizam os seus desejos, materializando-os[53] instantaneamente. As almas que se cobrem somente com o delicado véu do corpo causal, podem materializar universos, à semelhança do Criador. Tendo todos os mundos uma só textura, a do sonho cósmico, uma alma, na diáfana veste causal, tem vastos poderes de realização.

“Sendo invisível por natureza, a alma só pode ser percebida pela presença do seu corpo ou corpos. A mera presença de um corpo significa que a sua existência se tornou possível devido a desejos não realizados[54].

“Enquanto a alma do homem se encontra encerrada em um, dois, ou três frascos corporais, tampados hermeticamente com as rolhas da ignorância e dos desejos, não pode mergulhar no oceano do Espírito. Destruído o denso receptáculo físico pelo martelo da morte, os seus dois outros invólucros - o astral e causal - ainda persistem e impedem que a alma se una, com absoluta consciência, à Vida Omnipresente. Quando se alcança, através da sabedoria, a ausência dos desejos, o seu poder desintegra os dois vasos remanescentes. A diminuta alma do homem emerge, livre, afinal, unificada com a Amplidão Imensurável.”

Pedi ao meu divino guru que me desse maiores esclarecimentos sobre a superior e misteriosa esfera causal.

“O mundo causal é indescritivelmente subtil - respondeu ele.- Para o entender, o homem teria de possuir poderes de concentração tão extraordinários que o habilitariam a fechar os olhos e visualizar, como se existissem unicamente em ideias, os cosmos astral e físico em toda a sua vastidão: o aeróstato luminoso com a sua sólida barquinha. Se, por meio desta concentração sobre-humana, ele pudesse reconverter em ideias puras esses dois cosmos, com todas as suas complexidades, alcançaria então o mundo causal: a fronteira de fusão entre a mente e a matéria. Ali, percebem-se todas as coisas criadas - sólidos, líquidos, gases, eletricidade, energia, os seres todos: deuses, homens, animais, plantas, bactérias, como formas de consciência; exactamente como um homem, ao fechar os olhos, percebe que ele existe, apesar do seu corpo ser invisível aos seus olhos fisicos, uma presença mental, uma ideia apenas.

“Tudo o que um ser humano apenas imagina, um ser causal converte em realidade. Um homem dotado de grande imaginação e inteligência é capaz - em sua mente, apenas - de saltar de planeta em planeta, de deixar-se cair interminavelmente num

---

[53] Assim como Babaji ajudou Lahiri Mahasaya a livrar-se de um desejo subconsciente, vestígio de alguma vida anterior, criando-lhe um palácio, descrito no capítulo 34.

[54] “E disse-lhes ele: “Onde estiver o corpo, ali se juntarão as águias” (**Lucas,** 17:37). Esteja a alma alojada no corpo físico, astral ou causal, aí as águias dos desejos - que se nutrem, como aves de rapina, das fraquezas da sensualidade humana ou dos apegos astrais e causais - também se reunirão para conservar prisioneira a alma.

abismo de eternidade, de subir como um foguete ao pálio de galáxias e de incidir como um holofote sobre as via lácteas e os espaços constelados. Os seres do mundo causal, porém, gozam de liberdade muito maior: projectam os seus pensamentos, objectivando-os instantaneamente, sem esforço, sem qualquer obstrução material ou astral e sem limitação cármica.

"Os seres causais sabem, por experiência própria, que o cosmos físico não se compõe primordialmente de electrões, nem o cosmos astral se constitui basicamente de vitatrões, mas, na realidade, ambos se originam de diminutas partículas do pensamento de Deus, fendidas e fragmentadas por **maya**, a lei da relatividade que intervém para separar, aparentemente, a criação do seu Criador.

"No mundo causal, as almas reconhecem-se umas às outras como fragmentos individualizados do Espírito beatífico; os seus objectos pensados são os únicos que as rodeiam. Os seres causais percebem que a diferença entre os seus corpos e pensamentos é uma ideia, simplesmente. Assim como o homem, fechando os olhos, pode visualizar uma ofuscante luz branca ou uma névoa azul desbotada, os seres causais também, por intermédio exclusivo do seu pensamento, enxergam, ouvem, cheiram, saboreiam e apalpam; eles criam tudo, ou tudo dissolvem, pelo poder da sua mente cósmica.

"Tanto a morte como o renascimento no mundo causal ocorrem em pensamento. O alimento delicioso dos seres causais é um só: a ambrosia do conhecimento eternamente novo. Bebem dos mananciais da paz, vagam pelo solo sem trilhas das percepções, nadam no oceano sem praias da beatitude. Oh, contempla! Os seus brilhantes corpos-pensamentos passam zunindo vertiginosamente por trilhões de planetas criados pelo Espírito, por recentes borbulhas de universos, por moradas estelares de sábios e por sonhos espectrais de áureas nebulosas no seio azul-celeste do Infinito!

"Muitos seres permanecem durante milhares de anos no cosmos causal. Então, depois de êxtases progressivamente mais profundos, a alma liberta-se do pequeno corpo causal e incorpora-se na imensidão do cosmos causal. Todos os estanques remoinhos de ideias, as ondas particularizadas de poder, amor, vontade, alegria, paz, intuição, calma, autodomínio e concentração, fundem-se no inesgotável Oceano de Beatitude. Não mais a alma fruirá da sua ventura como onda individualizada de consciência; agora mergulha no Oceano Cósmico único, na totalidade das ondas - e é riso eterno, comoção, pulsação perene.

"Quando uma alma rompe o casulo dos três corpos, escapa para sempre à lei da relatividade e converte-se no inefável Sempre Existente[55]. Ei-la, a borboleta da Omnipresença, com estrelas e luas e sóis rebrilhando em suas asas! A alma expandida no Espírito paira sozinha na região da luz sem luz, da treva sem treva, do pensamento sem pensamento; inebriada com o seu êxtase beatífico, imersa no mesmo sonho de Deus, o da criação cósmica."

Uma alma livre! - exclamei com reverência.

---

[55] "A quem vencer, eu fá-lo-ei coluna no templo do meu Deus e dele não mais sairá (isto é, não mais reencarnará) ... A quem vencer, concederei que se sente comigo no meu trono, assim como eu venci e sentei-me com o meu Pai no Seu trono." (**Apocalipse**, 3:12-21).

“Quando uma alma se livra, finalmente, das três ânforas de ilusões corpóreas - prosseguiu o Mestre - unifica-se com o Infinito sem qualquer perda de individualidade, Cristo conquistara a sua liberdade derradeira, antes mesmo de nascer como Jesus. Em três etapas do seu passado, simbolizadas aqui na Terra pelos três dias de morte e ressurreição, ele alcançara o poder absoluto de subir aos céus em Espírito.

“O homem não desenvolvido submete-se a incontáveis encarnações terrestres, astrais e causais, a fim de desprender-se dos seus três corpos. Um mestre, que conquista a liberdade final, pode escolher**:** se há-de voltar à Terra como profeta para ajudar os outros seres humanos a regressar a Deus ou se, como eu, há-de residir no cosmos astral. Lá, um redentor carrega, em parte, o peso do carma dos habitantes e, assim, ajuda-os a abreviar o seu ciclo de reencarnações no cosmos astral, a fim de partirem definitivamente para as esferas causais[56]; ou, então, uma alma liberta pode entrar no mundo causal para ajudar os seus habitantes a encurtar o seu prazo no corpo causal e, deste modo, a conquistar a Liberdade Absoluta.”

- Mestre ressurrecto, quero saber mais a respeito do carma que obriga as almas a regressar aos três mundos. - Poderia ouvir o meu Mestre omnisciente, pensei, por toda a eternidade! Nunca, na sua vida terrena, eu fora capaz, em tão pouco tempo, de assimilar tanto da sua sabedoria; agora, pela primeira vez, obtinha percepção clara e definitiva das casas enigmáticas no tabuleiro de xadrez da vida e morte.

“ O carma físico, ou seja, os desejos do homem, devem ser completamente esgotados antes que se torne possível a sua residência permanente nos mundos astrais - esclareceu o meu guru com a sua voz emocionante. - Dois tipos de moradores vivem nas esferas astrais. Os que ainda possuem carma físico insatisfeito, e devem, por isso, reabitar um corpo denso a fim de saldar as suas dívidas cármicas, classificam-se, após a morte física, mais como visitantes temporários do mundo astral do que seus moradores permanentes.

“Após a morte astral, os seres que não expiaram o seu carma físico, não têm permissão de entrar na excelsa esfera causal das idéias cósmicas, mas estão obrigados a viagens de ida e volta entre os mundos astrais e físicos, alternadamente conscientes do seu corpo físico de 16 elementos grosseiros e do seu corpo astral de 19 elementos subtis. Contudo, uma criatura não desenvolvida, depois de cada perda do seu corpo terreno, permanece, a maior parte do tempo, no profundo estupor do sono da morte e dificilmente tem consciência do formoso reino astral. Terminado o descanso astral, regressa ao plano físico para novas lições, acostumando-se gradualmente, através de repetidas viagens, aos mundos de subtil textura astral.

“Ao contrário, residentes normais, isto é, há longo tempo no universo astral, livres para sempre de todos os anseios materiais, já não precisam de regressar às vibrações grosseiras da Terra. Só têm o carma astral ou causal para esgotar. Na morte astral, transferem-se para o mundo causal, infinitamente, mais subtil e delicado. No fim de certo prazo, determinado pela lei cósmica, estes seres evoluídos voltam, então, a

---

[56] Sri Yukteswar queria dizer que antes, na sua encarnação terrena, carregara, às vezes, o fardo da doença para aliviar o carma dos seus discípulos e, agora, a sua missão de salvador capacita-o a transferir para si certo carma astral dos residentes de **Hiranyaloka,** apressando-lhes, dessa maneira, a evolução para o mundo causal**,** superior.

Hiranyaloka, ou a um planeta astral de idêntica elevação, onde renascem em novo corpo etéreo para redimir os remanescentes do seu carma astral.

“Meu filho, agora pode compreender melhor que ressuscitei, por decreto divino - continuou Sri Yukteswar - como um redentor de almas reencarnadas no astral, especialmente das que baixam da esfera causal e não das que sobem da Terra. Estas últimas, se ainda conservarem vestígios de carma físico, não subirão aos mais altos planetas astrais como **Hiranyaloka**.

“Muitos habitantes terrestres não aprenderam, através do olho desenvolvido pela meditação, a apreciar as alegrias e vantagens superiores da existência astral e, por isso, após a morte, desejam regressar aos prazeres limitados e imperfeitos da Terra; assim também muitos seres astrais, durante a normal desintegração dos seus corpos subtis, não chegam a vislumbrar o excelso estado de alegria espiritual no mundo das ideias; demorando-se em recordar a felicidade astral mais grosseira e de vistosos adornos, eles anseiam revisitar o paraíso astral. Esses seres devem redimir-se do pesado carma astral para que possam obter, após a morte astral, residência permanente no mundo causal, o das ideias, este, aliás, tão superficialmente seccionado da sua origem, o Criador.

“Só quando um ser não deseja mais experiências no cosmos astral, tão agradável à vista, e já não sente a tentação de voltar a ele, é que permanece no mundo causal. Completando ali a obra de redimir-se do carma causal, ou sementes dos desejos passados, a alma aprisionada faz saltar a última das três rolhas da ignorância e, emergindo da derradeira ânfora do corpo causal, mistura-se ao Eterno.

“Compreendes agora?”- O sorriso do Mestre era de um encanto raro!

- Sim, por um acto seu, de graça sobrenatural. Estou emudecido de alegria e de gratidão!

Nunca, de um cântico ou de um relato, recebi conhecimento tão inspirador! As Escrituras hindus referem-se aos mundos astral e causal e aos três corpos do homem, mas que remotas e inexpressivas aquelas páginas, comparadas à tépida autenticidade do meu Mestre ressurrecto! Para ele, não existia nenhum “país não descoberto”, de cujas fronteiras algum viajante regressa! “[57]

“A interpenetração dos três corpos do homem revela-se de muitas maneiras através da sua tríplice natureza - continuou o meu grande guru. - No estado de vigília na Terra, um ser humano está mais ou menos consciente dos seus três veículos. Quando os seus sentidos estão a funcionar, ao saborear, cheirar, apalpar, ouvir e ver, ele está a operar principalmente com o seu corpo físico. Quando exercita os seus poderes de vontade e visualização, está a operar sobretudo com o seu corpo astral. O seu instrumento causal expressa-se quando o homem pensa ou mergulha profundamente em introspecção ou em meditação; pensamentos cósmicos geniais visitam o homem que habitualmente estabelece contacto com o seu corpo causal. Neste sentido pode-se classificar um indivíduo como predominantemente “sensual “, “volitivo “ou “intelectual “.

---

[57] Shakespeare, **Hamlet**, 3º acto, 1ª cena.

“Um homem identifica-se com o seu veículo físico durante 16 horas por dia; depois, dorme; se tiver sonhos, permanece no mundo astral, criando sem esforço qualquer objecto, à semelhança dos entes astrais. Se o sono é profundo e sem sonhos, o homem transfere, durante muitas horas, a sua consciência, ou noção do eu, ao corpo causal; tal sono é revigorante! Quem sonha está em contacto com o seu corpo astral e não com o causal; este sono não é inteiramente restaurador!”.

Eu estivera a observar Sri Yukteswar amorosamente, enquanto ele procedia à sua maravilhosa exposição.

- Guru angélico - disse eu – o seu corpo é exactamente igual àquele sobre o qual chorei, pela última vez, no **ashram** de Puri!

“Oh, sim! O meu novo corpo é uma cópia perfeita do velho! Eu materializo e desmaterializo esta forma, a qualquer momento, à vontade, com muito mais frequência do que o fazia quando me encontrava na Terra.. Pela desmaterialização instantânea, viajo agora de planeta em planeta, num expresso de luz; ou, em verdade, do cosmos astral ao causal ou ao físico. – O meu divino guru sorriu. - Embora tu mudasses, Yogananda, de lugar tão rapidamente nestes dias, não tive dificuldades em encontrar-te em Bombaim!

-Oh, Mestre! Eu andava tão profundamente aflito com a sua morte!

“Ah, então eu morri?! Não estás a contradizer-te?! - Os olhos de Sri Yukteswar cintilavam de divertimento e amor. E prosseguiu:

“ Não tens feito mais do que sonhar na Terra; e no teu *planeta sonho*, viste o meu *corpo sonho*. Mais tarde, enterraste aquela *figura sonho*. Agora o meu *corpo sonho* mais requintado (que contemplas, neste momento, e abraças um tanto apertadamente!) ressuscitou num mais requintado *planeta sonho de Deus*. Algum dia, este *corpo sonho mais subtil* desaparecerá; ele também não existirá para sempre. Todas as bolhas de ilusão devem, afinal, explodir a um derradeiro toque de despertar. Discerne, meu filho Yogananda, entre sonhos e Realidade! “

Esta ideia vedântica[58] de ressurreição maravilhou-me! Envergonhei-me de haver chorado meu Mestre quando vi o seu corpo sem vida em Puri! Compreendi, afinal, que o meu guru sempre estivera completamente desperto em Deus – a sua própria vida e morte na Terra, bem como a sua ressurreição actual, nada mais eram para ele do que relatividades ou ideias de Deus no sonho cósmico.

“Já te disse, Yogananda, a verdade sobre a minha vida, morte e ressurreição! Não te aflijas por mim! Em vez disso, espalha, por toda parte, a história da minha ressurreição, da *Terra sonho de Deus* onde vivem os homens, para outro *planeta sonho de Deus* onde vivem almas com vestes astrais! Nova esperança infundir-se-á nos corações dos que sonham neste mundo, exasperados pela angústia e temerosos da morte!

---

[58] Vida e morte são apenas relatividades do pensamento. O **Vedanta** salienta que Deus é a única Realidade**;** toda a criação, ou existência separada, é **maya** ou ilusão. Esta filosofia monista teve a sua mais alta expressão nos comentários de Shankara aos antigos **Upanishads**.

- Sim Mestre! - Com que boa vontade eu iria partilhar com o mundo inteiro a minha ventura pela sua ressurreição!

“Na Terra, os meus padrões de conduta foram incomodamente altos, inadequados à natureza da maioria dos homens. Frequentemente, repreendi-te mais do que devia! Tu foste posto à prova e saiste-te bem; o teu amor brilhou através das nuvens de todas as reprimendas. - E acrescentou com ternura: - Hoje, vim também para te dizer: nunca mais te olharei com o rigor da censura! Não te repreenderei mais!

Quanto sentira falta dos castigos do meu grande guru! Cada um fora um anjo custódio a proteger-me.

- Mestre caríssimo! Reprove-me um milhão de vezes! Censure-me agora!

“Nunca mais ralharei contigo! – A sua divina voz era grave e, contudo, nela senti uma correnteza subterrânea de riso. – Yogananda, tu e eu sorriremos juntos, enquanto as nossas duas figuras forem diferentes no *sonho* ***maya*** de Deus! Finalmente, mergulharemos unificados no Bem-Amado Cósmico; os nossos sorrisos serão o Seu sorriso, o nosso cântico de alegria, em uníssono, vibrará por toda a eternidade irradiando às almas sintonizadas com Deus!

Sri Yukteswar esclareceu-me sobre assuntos que não posso revelar aqui! Durante as duas horas que passou comigo no quarto de hotel em Bombaim, ele teve resposta para cada uma das minhas perguntas. Certas profecias sobre o mundo, confiadas a mim naquele dia de Junho de 1936, já se cumpriram!

“Agora devo ir-me, bem-amado!”- Ao ouvir estas palavras, senti que o Mestre se desvanecia dentro do círculo dos meus braços.

“Meu filho! – A sua voz ressoou, vibrando no mais íntimo firmamento da minha alma! - Sempre que entrares pela porta de **nirvikalpa samadhi** e chamares-me, virei, como hoje, em carne e osso!

Com esta promessa celestial, Sri Yukteswar desapareceu da minha vista. Uma voz das nuvens repetia, reboando musicalmente: “Diz a todos! Quem souber, por meio do êxtase **nirvikalpa**, que o seu planeta é um sonho de Deus, pode vir ao ultra-subtil *planeta sonho* de **Hiranyaloka**, para me achar ali ressuscitado num corpo exactamente igual ao que tinha tido na Terra. Yogananda, diz isso a todos!

Fora-se a tristeza da separação! Os queixumes aflitos pela sua morte, que longamente me roubaram a paz, debandaram envergonhados. A beatitude jorrava, como fonte, através de poros intermináveis, recém abertos em minha alma. No dilúvio do êxtase que me transportava, os poros da alma, obstruídos pelo desuso, desde remotas eras, agora, alargavam-se purificadíssimos. Em sequência cinematográfica, as minhas encarnações anteriores deslizaram ante o meu olhar interno. Todo o bom e mau carma, pertencentes àquelas *figuras sonhos*, foram dissolvidos na luz cósmica derramada sobre mim, durante a divina visita do Mestre.

Neste capítulo da minha autobiografia, obedeci às ordens do meu guru, divulgando a bendita notícia, embora confunda mais uma vez uma geração céptica. Rastejar**,** o homem sabe muito bem; o desespero raramente parece-lhe um estranho; estas perversões, entretanto, não pertencem ao verdadeiro destino do homem. Quando

quiser, ele colocar-se-á na senda da liberdade! Durante demasiado tempo, deu ouvidos ao deprimente pessimismo dos seus conselheiros que proclamam: “Tu és pó!”; sem atentar na natureza indomável da alma.

Não fui o único a ter o privilégio de contemplar o Guru Ressurrecto.

Um dos **chelas** de Sri Yukteswar era uma mulher idosa, conhecida pela alcunha afectuosa de Ma (Mãe), cuja moradia se achava próxima do eremitério de Puri. O Mestre detinha-se frequentemente para conversar com ela, durante o seu passeio matinal. Na noite de 16 de Março de 1936, Ma chegou ao **ashram** e pediu permissão para ver o seu guru.

- Como?! Se o Mestre morreu faz uma semana**...** - Swami Sebananda, agora responsável pelo eremitério de Puri, fitou-a tristemente.

- Impossível! - Protestou ela, com um sorriso.

- Não! - E Sebananda contou-lhe detalhes do enterro.

- Venha! Levá-la-ei ao jardim da frente, à sua sepultura!

Ma abanou a cabeça, negativamente**...** - Para ele, não existe sepultura! Esta manhã, às dez horas, ele passou diante da minha porta, no seu passeio habitual. Falei com ele, durante alguns minutos, em plena luz do dia! Convidou-me: “Venha esta noite ao ashram!”. E aqui estou! As suas bênçãos derramam-se sobre esta velha cabeça grisalha! Quis o imortal guru que eu compreendesse em que corpo transcendente ele me visitou esta manhã!

O assombrado Sebananda ajoelhou-se diante dela.

- Ma, que peso aflitivo as suas palavras tiram do meu coração! Ele ressuscitou!

Kriya Yoga Mahavatar Babaji © Copyright 2013.Todos os direitos reservados